



2016

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER
NO VALE DO MINHO



VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXI – N.º 1395 • 1 de AGOSTO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC



5 A 14 AGOSTO

- ▶ Livros
- ▶ Dança
- ▶ Música
- ▶ Tradições
- ▶ Fogo de artifício
- ▶ Gastronomia e vinhos

MELGAÇO em FESTA 2016

págs. 26 e 27

Fernando Santos: o verdadeiro campeão



pág. 4

Dia do Brandeiro na Aveleira

págs. 8 e 9



Cartulário de Fiães é apresentado no dia 12

pág. 27

1ª Concentração de tratores em Melgaço

pág. 3

In memoriam do Padre João Francisco Marques

págs. 6 e 7

Concerto de jardim nas Termas do Peso

pág. 7

Dois amores, uma vida

pág. 12

Centro de Apoio ao Doente Oncológico

págs. 14 e 15

Convívio de ex-militares Comandos em Melgaço

pág. 17

Livro pioneiro sobre o Cemitério de Braga

págs. 18 e 19

Animação de Verão em Castro Laboreiro

pág. 23

Visita do executivo municipal a várias freguesias

pág. 25

Minibásquete entusiasma crianças

pág. 28

Farmácia Gonçalves aposta tudo na vanguarda de serviço

pág. 30

1ª Corrida Solidária

pág. 24

ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:
Doutor José António Marques Magalhães
ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA
UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA

**CALLE POLICARPO SANZ - 9 - 1º ANDAR
VIGO - ESPANHA - Tlm: 0034 652 469 433**

Com a Fé não se brinca

1. Com a Fé não se brinca em serviço

Com a Fé não se brinca. Muito menos em serviço. Acreditar em Deus é fácil. Levar essa Fé a sério é que já é mais difícil. Afirmar o catolicismo, num país católico como o nosso, é o pão nosso de cada dia. Ser um católico praticante sem concessões são outros "quinhentos".

Um apóstolo da Fé é alguém que teve essa felicidade de acreditar e tem a capacidade de contagiar os outros com a sua Fé. Que não precisa de fazer da sua Fé um espetáculo, mas que tem uma vida espetacular por causa dela.

Ter Fé é uma vivência íntima, que preenche totalmente o interior, mas que só alguns privilegiados conseguem transformar em força exterior sem caírem em demonstrações ridículas.

Viver a Fé não é uma experiência pontual que se possa esgotar aos domingos e dias santos, ou invocar quando dá jeito

ter um ombro piedoso ou uma "mãozinha" por baixo.

Por isso, a Fé não se compra nem se vende, não se negocia nem se transaciona, não se aliena nem nos aliena.

Ter Fé é ser testemunha de um milagre. É inexplicável, mas ajuda a explicar muita coisa. Por isso, ter Fé é saber muito mais de nós do que os outros sabem, mas também é saber muito mais dos outros do que os outros são capazes de saber de si.

2. Com o futebol também não!

Com o futebol não se brinca. Muito menos em serviço.

Acreditar que vamos ganhar um Euro é fácil. Levar essa fé a sério é que já é muito mais difícil.

Afirmar o patriotismo num país de patriotas, como o nosso, é o pão nosso de cada dia. Ser capaz de nunca abandonar o "barco" das nossas ideias e con-

vicções, quando ao nosso lado os ratos estão todos a fugir e a berlar impropérios, é que já é obra.

Um treinador a sério é alguém que teve essa visão de vitória, que tem na cabeça o caminho que falta percorrer em conjunto e que é capaz de comandar os seus homens na direção prevista e sem acidentes de percurso. Que não precisa de fazer de cada jogo um espetáculo, mas que tem resultados espetaculares por causa disso.

A certeza da vitória é um triunfo íntimo, que nos preenche de força o interior, mas que só alguns treinadores conseguem passar para o grupo sem necessidade de manifestações ridículas, ataques soezes ou dispensas inimagináveis. A união nunca nasce da divisão, mas sim da comunhão.

No futebol, por vezes, acontecem milagres. Mas esses golos milagrosos, essas substituições milagrosas, esses postes que se colocam milagrosamente entre a bola e o golo, geralmente só aparecem a quem tem a certeza que vai ganhar. Porque tem uma fé inabalável na vitória.

“

Um treinador que acredita firmemente na vitória não tem dias na sua convicção. Cada jogo e cada fase, cada oitavo, cada quarto e cada meia é isso mesmo, apenas uma parte da vitória final. Que se quer inteira e por isso em que o treinador acredita inteiramente.

”

Por isso, um treinador destes sabe muito mais de si do que os outros julgam que sabem e sabe mais dos outros do que o que eles pensam que sabem deles próprios.

O Fernando Santos é um treinador destes. E é também um homem de Fé. Não é para se rirem. É para aprenderem.

*Manuel Serrão
in Jornal de Notícias
de 13.7.2016*

Este 'Sabino' vale dinheiro! Pintor Howard Ross dedicou tela a um dos dinamizadores de Melgaço

'The solitary man' é o título da mostra de pintura a óleo do artista Howard Ross, que esteve exposta no Solar do Alvarinho até ao dia 29 de Julho. Por entre obras que retratam paisagens que o autor terá visto em viagens ou retirou da caixa de memórias criativas, destaca-se um quase retrato de Augusto Castro, Sabino, que Howard Ross terá prometido numa das suas visitas ao concelho e à esplanada onde se juntam "os amigos do Sabino".

Natural de Toronto, Canadá, Howard Ross, actualmente a morar em Pontevedra (Espanha), tornou-se um dos amigos de Sabino, e facilmente a vontade do artista em 'homenagear' a hospitalidade do anfitrião se tornou uma reali-



dade, que os visitantes do Solar puderam apreciar – e comprar, já que era exposição e venda – até ao final do mês passado.

Visita habitual do Solar do Alvarinho, Augusto Castro tornou-se um dos referenciáveis promotores do Alvarinho, do turismo e da gastronomia local. Em reportagem de destaque em pu-

blicação de referência nacional, o melgacense teve invariavelmente de fazer algumas fotos no Solar que visita diariamente. "Todos os dias faço algo pela promoção do Alvarinho, e não tenho vinho! Faço-o pela nossa gente, sejam eles de Melgaço ou de Monção", observou.

João Martinho

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt.la
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Arminda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
Pe. Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

**IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E
EXPEDIÇÃO:**

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Associação "A Batela" promoveu Iª Concentração de Tractores de Melgaço

Desfile percorreu em 'altas' e com pompa as ruas da vila melgacense

No dia 17 de Junho, saiu à rua aquela que se apresenta como a Iª Concentração de Tractores de Melgaço. A ideia partiu da associação "A Batela"- Associação Recreativa e Desportiva, de Alvaredo, que convidou os seus associados a enfeitar e levar em desfile festivo pelas ruas do concelho as máquinas tradicionalmente associadas ao trabalho agrícola.



Retirados dos trabalhos no campo, 16 tractores – uns cobertos com toalhas de piquenique, outros com bandeiras de Portugal e do Benfica, a criatividade ia da decoração com flores à ornamentação com garrafão e chouriças – partiram de Alvaredo pela manhã em direcção ao centro da vila de Melgaço.

O desfile apanhou desprevenidos os transeuntes, que aproveitavam para registar em foto tão inusitada frota de veículos, sobretudo a um domingo de ma-

nhã. O grupo seguiu, sem parar, para o Centro de Estágios, onde teria lugar a gincana que poria à prova os dotes dos melhores tractoristas na manobração do veículo em marcha-atrás com reboque.

Antes das provas, e para que se percebesse que os garrafões pendurados, sendo apenas para ornamentação, não eram ostentação sem fundamento, rapidamente se abriram geleiras e marmitas para repasto conivente com a temática.

Patrocinado por alguns dos mercados do sector das máquinas e produtos agrícolas, mas também do design e outros, o evento contou ainda com entrega de medalhas de participação e taças para os primeiros lugares da gincana. Foram premiados ainda os tractores que se destacaram pela decoração e pela idade, em cerimónia decorrida já na sede da Associação, em almoço/convívio a que se seguiram palestras temáticas.



ESTHETIC SMILE
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA
CUSTA MENOS
SORRIR MELHOR

INFORME-SE E ADQUIRA PARA
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS
E VANTAGENS EXCLUSIVAS
DURANTE TODO O ANO

Em AGOSTO a Esthetic Smile vai pôr
MELGAÇO A SORRIR!

Em parceria com os Comerciantes haverá a distribuição de Cartões Consulta aos Consumidores que prestigiem o COMÉRCIO LOCAL...

Veja através do Facebook as Lojas Aderentes

MELGAÇO A SORRIR

ESTABELECIMENTO ADERENTE

MEDICINA DENTÁRIA
Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (toxina Botulínica e Ác. Hialurónico)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais

Dr. João António Dias Gomes
Dr. Hebe Maria Zamagna

+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no Facebook:
<https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>



“Esperamos no próximo ano, quando fizermos a segunda edição, cativar mais pessoas com tractor e dar mais visibilidade à iniciativa”, indicava Diogo Castro, presidente da associação, satisfeito com a vontade de participação dos sócios e o esmero na decoração dos veículos.

De utilidade quase imprescindível para muita da população de Alvaredo, onde o cultivo da vinha é expressivo, o tractor é por isso o veículo de destaque nesta acção da associação, que defende a vontade de fazer uma segunda edição.

Tabela de tempos, em minutos (‘) e segundos (’), dos participantes classificados da gincana da Iª Concentração de Tractores de Melgaço:

- 1º - Rafael Peres – 1’
- 2º - ‘Rique’ de Paradela – 1’24”
- 3º - André Ribeiro (Carvalho) – 1’30”
- 4º - José Alberto Esteves – 1’44”
- 5º - André Ribeiro (Barbeiro) – 1’34”+20” : 1’54”
(com penalização de 20” por derrube de obstáculo)
- 6º - José Soares – 2’12”
- 7º - António Soares – 2’23”

João Martinho

À Grande e à Portuguesa

*Bom Dia,
Com Paz e Alegria!*

Ontem, presidi a duas Missas na Diocese de Coimbra: uma em Pousaflores, às 10h30. Outra, às 14h30, na capela de Santo António, na Serra do Mouro (paróquia de Chão de Couce, mesmo ao lado da casa onde nasci).

Segundo Domingo de Julho: Festa de Santo António de Lisboa.

Este ano, enriquecida com a presença de três Sacerdotes: o senhor Cónego Adriano Simões Santo, que há seis meses celebrou 90 Primaveras, (também ele natural de Chão de Couce), o actual pároco, Padre Arcanjo.

Um mimo de Deus: celebrar entre um Santo e um Arcanjo!

Uma celebração e uma procissão enriquecidas também com a linda imagem de São Francisco de Assis, benzida solenemente na Missa de sexta-feira.

Um sonho tornado realidade, graças ao sr. Arménio Marques e família e ao sr. Eng. José Eduardo Neno e família.

Ontem, nas duas Missas, apresentei o nosso Seleccionador como um exemplo de coragem ao afirmar publicamente a sua Fé cristã, a sua participação na Missa, a sua oração do Rosário...

Numa velha Europa que se envergonha das suas raízes judaico-cristãs, testemunhos destes são uma bênção, um oásis...

Já depois da nossa Vitória,

À GRANDE E À PORTUGUESA

Fernando Santos tem a coragem de ler, com emoção, a carta que tinha escrito um mês antes, agradecendo antecipadamente a Deus esta Vitória de Portugal!

Bem-haja, Fernando Santos!
frei Acílio



Fernando Santos. A carta (na íntegra) que agradece a Deus e antecipa a vitória

A 18 de junho, Fernando Santos escreveu a carta em que antecipa a vitória. Portugal só tinha jogado (e empatado) dois jogos. Agradece a Deus, aos jogadores, aos dirigentes, aos amigos e à família.

Esta é, na íntegra, a carta que Fernando Santos escreveu na solidão do seu quarto, agradecendo a Deus. Não foi depois do jogo com a França. Foi em Marcoussis a 18 de junho, depois do segundo empate no segundo jogo (frente à Áustria) do Europeu. Nessa altura, o discurso da vitória ficava escrito. No fim do jogo contra França, o seleccionador pediu uns minutos e antes das perguntas dos jornalistas na conferência de imprensa leu-a em voz alta muito emocionado, sob o som de aplausos:

“Em primeiro lugar e acima de tudo, quero agradecer a Deus Pai por este momento e tudo aquilo da minha vida. Deixar uma palavra especial ao presidente, dr. Fernando Gomes, pela confiança que sempre depositou em mim. Não esqueço que comecei com um castigo de oito jogos pendentes.”

“A toda a direção e a todos os que viveram comigo estes meses. Aos jogadores, dizer mais uma vez que tenho um enorme orgulho em ter sido o seu treinador. A estes e aqueles que aqui não puderam estar presentes. Também é deles esta vitória. O meu desejo pessoal é ir para casa. Poder dar um beijo do tamanho do mundo à minha mãe, à minha mulher, aos meus filhos, ao meu neto, ao meu genro e à minha nora e ao meu pai, que junto de Deus está certamente a celebrar.”

“A todos os amigos, muitos deles meus irmãos, um abraço muito apertado pelo apoio mas principalmente pela amizade. Por último, mas em primeiro, ir falar com o meu maior amigo e sua mãe. Dedicar-Lhe esta conquista e agradecer-Lhe por ter sido convocado e por me conceder o dom da sabedoria, perseverança e humildade para guiar esta equipa e Ele a ter iluminado e guiado. Espero e desejo que seja para glória do Seu nome.”

Caminhos, ruas ou estradas de Penso?

Será verdade que as nossas estradas de Penso estão semi abandonadas? Porque não há verbas do Estado?

Eu diria “mais depressa” completamente abandonadas depois de alguns anos... Quem poderá dizer que houve verdadeiros trabalhos de alargamento e recuperação das nossas duas estradas de acesso a Pomar e a Paradela?

Será normal que, depois de 30 anos, se oiça dizer que o muro do Crasto vai ser ajeitado para que a estrada possa ser alargada... e

passar nesse pequeno troço de 2,80/3,20m para um mínimo de 5 metros? Pois, actualmente, um camião passa lá a 10km/h... e de vez em quando, bate nas paredes! Pois, que eu saiba, já estamos no século XXI... E que dizer, das placas das direcções dos nossos lugares? Será que alguém as viu? Ao pé da antiga escola, estão sem letras... e ao fundo da estrada nova desapareceram completamente... E agora, os nossos amigos e visitantes serão dirigidos por satélite? O nosso amigo Ma-

nuel José Pereira assinala no último número deste nosso jornal “A Voz de Melgaço”, que há “alguns autarcas” a louvar... Isso é bem verdade em algumas “e raras” freguesias... mas, infelizmente não é a nossa de Penso!

E nisto tudo, que poderá dizer-nos o nosso novo Presidente da Câmara Municipal de Melgaço? Quem é o responsável?

Subscrevo-me, um amigo da nossa linda freguesia de Penso.

António Dias

Parabéns à Seleção Portuguesa

1º

Parabéns à nossa Seleção
Pelo grande trabalho que fez
Empenhou-se de alma e coração
E foi o orgulho português.

O grande Fernando Santos
Deu uma boa lição
Foi censurado por tantos
E fez ver, foi campeão.

Ele é um homem de muita fé
E sempre acreditava
Que Deus estava com ele
E nunca o desamparava.

Pela televisão é que vi
Foi um jogo muito sofrido
Principalmente quando vi
O Cristiano Ronaldo caído.

O Cristiano muito chorou
Quando se viu lesionado
Mas mesmo assim ajudou
Dando instruções p'ró relvado

Os colegas ganharam mais força
Para lhes aliviar o sofrimento
No fim o Ronaldo chorava
Mas era de contentamento.

2º

Quando o Éder entrou em campo
O Ronaldo muito o encorajou
Ele entrou com tanta coragem
Que o golo da vitória marcou.

Os nossos jogadores
Foram muito arrojados
Todos os jogos que fizeram
Nunca foram derrotados.

Os nossos emigrantes
Que sempre apoiaram Portugal
No fim estavam radiantes
E fizeram um grande festival.

Os franceses tinham vaidade
Julgavam-se os melhores
Os portugueses com humildade
Conseguiram ser os vencedores.

A seleção portuguesa
Trouxe o maravilhoso troféu
A França foi com tristeza
Que este título perdeu.

Os franceses já estavam prontos
Para a vitória, festejarem
Quando se viram derrotados
Com o desgosto choraram.

3º

Aquele menino português
Que linda lição nos deu
Ao confrontar o adepto francês
Que chorava porque perdeu.

Quando a seleção chegou
Não sei como explicar
A multidão que a esperou
Com tanta alegria a cantar.

Festa igual nunca vi
E não sei se tornarei a ver
Os portugueses a gritar
Até a garganta lhes doer.

O treinador e jogadores
E também toda a direção
Merecem muitos louvores
Por tanta dedicação.

Pela alegria que nos deram
Estamos muito agradecidos
Pelo que estes heróis fizeram
Nunca mais serão esquecidos.

Com esta grande vitória
Levaram longe o nome de Portugal
Que continuem com a mesma força
Para ganharem o mundial.

Virgínia do Carmo Ferreira

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS - CLÁSSICOS
MACIÇOS - E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 - 251 404 791 | VILA - MELGAÇO

A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo V

A Grande Aventura (1ª parte)

Perdendo o interesse pelo absoluto – D. Quixote em busca de Quimeras... –, a razão fazia-se ao largo, atrás da grande aventura...

Abandonara a gaiola da Metafísica para saudar com estridentes notas de clarim a alvorada deslumbrante da Nova Filosofia.

Já vimos onde entronca o luteranismo – o grande pecado alemão; veremos onde se filia o cartesianismo – pecado francês –; estudemos agora os belos frutos da Renascença, já que é a grande culpada do caos filosófico desta idade.

Registemos, ainda uma vez, a nota mais saliente da revolução operada: o homem liberta-se do absoluto e interessa-se, primeiro, por si e logo pelo que o rodeia: o fenómeno, a natureza, as leis eternas da ciência. Senhor do seu destino, abre por si mesmo as largas avenidas do futuro. Volta costas ao absoluto e percorre, deslumbrado, a floresta virgem da matéria.

Quem sabe os mistérios, as riquezas insondáveis que lhe reservam estas Américas da inteligência, este Brasil ou esta Índia ainda por descobrir?

Este espírito revela-se em todas as manifestações da inteligência: na arte, na política, na religião, na filosofia, nas letras.

Se olharmos para os monumentos arquitectónicos dos séculos XVI e XVII, achamos que preside a eles a geometria, a razão frias e dura: falta-lhe o voo arrojado das catedrais de outrora. O neo-clássico achata-se, agarra-se ao chão, prende-nos com as linhas rectas da sua arquitectura gelada. Desapareceu a agulha a fender o espaço como a dizer-nos que o homem vive para ganhar a felicidade eterna: pés e vida cá baixo, mas olhos e espírito voltados para Deus.

Este símile destaca à maravilha o sentido profundo da revolução empreendida na Itália, após o renascimento clássico.

Anteriormente a ele, a Igreja, melhor dito, a cristandade era um corpo, disperso através de nações, mas conservando a unidade da fé e dos costumes, debaixo da vigilância paternal do Sumo Pontífice.

Os fiéis sabiam que ele zelaria os interesses espirituais dos súditos, obstando a que o sangue bár-

baro, ainda estuante nos grandes, exercesse violência sobre quem não poderia defender-se.

Era o tempo do Sacro Império Romano do Ocidente: a cristandade segura, unida, forte nos seus destinos.

Pois tudo ruiu ao clarão das novas ideias importadas do oriente, graças ao comércio italiano de Veneza, Génova, Pisa e Florença.

Os pagãos, segundo o conceito neo-clássico, já não são "aqueles infelizes ainda não redimidos pelo baptismo" e antes os portadores duma notável cultura, em que os bárbaros da Idade Média têm imenso que aprender.⁽¹⁾

Os conceitos antigos rasgam brechas na cidadela do espírito medieval e não tardam as primeiras manifestações da nova filosofia política, pródromos da Revolução Francesa e esta, por sua vez, mais um degrau para o comunismo e o estatismo moderno.

Basta lembrar Machiavel, com «O Príncipe» e os «Discursos a respeito da primeira década de Tito Lívio», que subordina a moral e a religião à política e todos os direitos individuais ao Deus-Estado, e Tomás Moro (S. Tomás Moro, martirizado em Londres por defender com sábia intransigência os princípios católicos, no tempo de Henrique IV), no livro «De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia», plano interessante, mas utópico dum estado socialista à maneira de Platão.⁽²⁾

Na parte religiosa, basta lembrar o protestantismo, com sua floresta de erros, multiplicados ao infinito: Lutero, Calvino, Zuínglio, Henrique IV, presbiterianos, episcopalianos, metodistas, baptistas, anabaptistas, essa poeira de sistemas doutrinários os mais díspares e contraditórios.

Também aí, a razão invoca os seus direitos, liberta-se das grilhetas da teologia para nos oferecer o exemplo mais evidente daquilo a que pode chegar uma inteligência à deriva...

Na parte social verificou-se algo parecido. O corporativismo, meio confraria, meio elemento de assistência e defesa, em qualquer hipótese, esplêndida organização que abraçava os membros da sociedade, obstando ao livre jogo capaz de motivar o caos económico, disciplinava a produção,

enobrecia o trabalhador.

O conceito de riqueza na Idade Média resumia-se nisto: «oferecer ao homem vida decente de harmonia com o seu estado». A riqueza servia a religião e tudo o mais: enriquecer para viver e não viver para enriquecer, eis o lema.

O indivíduo libertou-se das amarras dos grémios e das confrarias, graças ao desenvolvimento do comércio e da indústria e veio o capitalismo, levado ao exagero, monstro apocalíptico, o grande responsável de quase todos os males do nosso tempo.

Sendo a preocupação dominante da Renascença libertar o homem de todas as peias, fixar-lhe a atenção nos seus próprios problemas e no mundo ambiente, a filosofia devia ser a mais sacrificada de todas as ciências.

O vasto panorama de sistemas em contradição, a larga sementeira de ruínas, que se nos oferecem, elucidam-nos perfeitamente a esse respeito.

Do contacto com o Oriente veio o amor a Platão e novos aspectos no culto de Aristóteles. Em qualquer dos casos, novas arremetidas contra os bárbaros da Idade Média, que haviam estudado o grande pensador através de originais falsificados...

Paris e o Norte da Itália haviam recebido o conhecimento de Aristóteles através da Espanha cristã e de Córdova – e, de mistura, princípios erróneos infiltrados por Avicenas e Averróis nas traduções do Mestre.⁽³⁾

Nada há mais perigoso para uma causa do que estarem divididos entre si os homens que a defendem... Era o que sucedia aos peripatéticos: o aristotelismo alexandrista, averroísta ou helénico, fossem representantes seus Pompanazzo, Zimara ou Trevisonda não concordavam entre si, excepção feita no relativo aos ataques dirigidos à Escolástica.

Em contraposição com este fervor de ódios entre os discípulos de Aristóteles, os filósofos platónicos uniam-se ao máximo, a ponto de cometerem verdadeiros disparates.

O ascendente por ele exercido filiava-se na circunstância de satisfazer melhor os gostos estético-literários da época, alimentando a ânsia de renovação e de idealismo que pulsava em todas

as almas, então em vésperas de grandes acontecimentos.

Aristóteles era cauteloso, metódico, sempre de olhos voltados para o facto, a experiência. Platão, sonhador ousado, insatisfeito. Daí a preferência e as loucuras havidas na estima que lhe votaram.

O amor a Platão vingou de sentorpecer as inteligências, ao calor das disputas entre os velhos sistemas helénicos. Fundaram-se escolas, ensinou-se a doutrina platónica e o culto ao filósofo chegou a proporções lamentáveis: ódio mortal a Aristóteles e o pedido de canonização para o célebre filósofo, o Divino... De resto, chegaram a prestar-lhe culto, lendo fragmentos das suas obras nas reuniões, com respeito e amor idênticos aos que tinham pelas epístolas de S. Paulo.

Este mesmo gosto estético-literário conduziu outros espíritos a exageros de todo condenáveis: ao desprezo dos filósofos da Escolástica por não terem escrito em prosa máscula e colorida, à semelhança dos antigos!...

Mais que a ideia, interessavam-nos os europeus do estilo. O conteúdo era de somenos diante da forma, da beleza harmoniosa da frase...

Daí a condenação de Pedro Ramos: «É falso tudo quanto disse Aristóteles»⁽⁴⁾. Ou a pro-



posição de Mário Nizólio: «São tantos os sofistas quantos os dialécticos e os metafísicos ou os lugares onde eles se encontram»⁽⁵⁾

⁽¹⁾ AUGUSTO MESSER, «*História de la Filosofía, La Filosofía Moderna, Del Renacimiento a Kant*», Buenos Aires, 1939, Espasa-Calpe, pag. 8.

⁽²⁾ *Idem*, pag. 20. No livro «*Príncipe*», de 1514, defendia Machiavel a tese de um estado livre de tutela eclesiástica e sem moral na política, à qual se opunha obstinadamente a Igreja. Os direitos individuais subordinar-se-iam ao Deus-Estado; a religião e a moral, à política.

⁽³⁾ «*Historia de la Literatura Española*», de Juan Hurtado y J. de la Serna e Anfel Gonzalez Palencia, 4.ª edição, t. 1, Madrid, 1940, ps. 35 sgs, pag. 116. Logo após a conquista de Toledo, 1085, fundou-se naquela cidade o centro de intercâmbio cultural entre a Espanha árabe e a cristã.

O célebre «Colégio de Tradutores de Toledo», amparado pelo arcebispo D. Raimundo, chanceler de Castela, compreendia os melhores sábios judeus, árabes e cristãos; aqueles vertiam em castelhano as produções literárias da sua pátria; estes vertiam-nas para Latim. De Paris, Pádua, Alemanha e outras regiões desceram a Toledo alguns dos melhores pensadores contemporâneos, cujo nome se esfuma com o tempo.

⁽⁴⁾ *Historia de la Filosofía*, D. Domingues, S. J., Santander, 1936, pg. 208.

⁽⁵⁾ *Idem*, pg. 208.

A. Luís Vaz

Em memória do Padre Jacques Hamel

Degolado por bárbaros do Daesh, temos mais um mártir, ele que cedeu terreno da paróquia para que pudessem construir uma mesquita a 50 metros da igreja de Saint Etienne de Rouvray.

Há pelo menos uma reacção comovedora: um jornalista de origem iraniana que trabalha no conceituado Wall Street Journal comunicou que tomou a decisão de se converter ao catolicismo, sabendo todos os riscos que corre.

Não nos deixemos vencer pelo medo. O amor é mais forte que a morte.



João Francisco Marques

In memoriam

Decorridos vários meses sobre o inesperado falecimento do amigo e colega Prof. Doutor Padre João Francisco Marques, continuamos a ter dificuldade em seleccionar alguns aspectos da sua longa vida e extensa obra científica a condensar num breve *in memoriam*, que ajude a preservar a sua imagem para a posteridade.

Conhecemo-lo, quando, pouco depois da sua ordenação sacerdotal, na Sé de Braga, em 15 de Agosto de 1952, passou a integrar a equipa de formadores do Seminário Menor de Braga, no ano lectivo de 1952-1953, tendo, durante esse breve período, ficado bem conhecido pela sua capacidade pedagógica, expressa no dinamismo inovador, que imprimiu às actividades lúdicas dos alunos que lhe estavam confiados. Mas o seu prestígio afirmou-se mais ainda, quando circulou entre nós e pudemos adquirir o volume da sua autoria sobre *O problema da Palestina e a tutela dos Lugares Santos*, fruto da sua colaboração, como aluno de Teologia, na revista *Cenáculo*, publicado em 1951, que ainda conservamos. Tratava-se de uma obra da juventude, mas que o marcou profundamente, como revela o facto de a ter escolhido para abrir o tomo I do vol. I da colecção *Obra Selecta*, que a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, num louvável gesto de gratidão e homenagem por quanto, de múltiplas formas, dele tinha recebido, ao longo da vida, nos últimos anos, decidiu editar-lhe.

Por decisão do então Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, em 8 de Setembro de 1953, foi nomeado vigário cooperador da paróquia da Lapa, Póvoa de Varzim, donde era natural, e professor de Religião e Moral, funções que continuou a exercer nos anos seguintes.

Entretanto, as preocupações culturais levaram-no a interessar-se por aspectos específicos da história e da vida das gentes poveiras e pelas obras dos estudiosos, preocupados com o registo e a preservação das tradições locais, integrando também tertúlias culturais, bem conhecidas, no âmbito de literatura, arte, etnografia, história e outros aspectos mais à frente referidos.

Neste contexto, foi-lhe crescendo a convicção da necessidade de uma formação universitária, que poria à prova a sua capacidade

de trabalho e a tenacidade da sua opção, bem demonstradas desde a preparação do exame do antigo 7.º ano liceal, realizado no liceu D. João III, indispensável para a inscrição no Curso de História da Universidade de Coimbra, que frequentou e concluiu como aluno voluntário, com a apresentação e defesa da dissertação de licenciatura, intitulada *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, elaborada sob orientação do Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida.

As respostas dadas às exigências da carreira docente liceal, incluindo os aspectos pedagógicos, promoveram a sua ascensão à condição de metodólogo no Liceu D. Manuel II, na cidade do Porto, onde os responsáveis da Faculdade de Letras o foram convidar, em 1978, para integrar o seu corpo docente.

Foi aí que o nosso convívio foi mais intenso, durante mais de vinte anos, tendo sobrevivido para além da sua jubilação.

Se estas breves notas biográficas revelam o nosso primeiro conhecimento e posterior relacionamento com o saudoso extinto, que pretendemos homenagear, pelas qualidades e exemplos que as acompanham poderão ser úteis também a muitos dos seus admiradores, como professor e grande investigador da História Moderna, em que atingiu uma posição cimeira, fruto da investigação, paixão cultural e intenso trabalho, que marcaram toda a sua vida.

Na Faculdade de Letras do Porto, logo conquistou a estima dos colegas, alunos e funcionários, mercê das suas ricas qualidades humanas, excelente formação cívica e social, respeito e delicadeza que a todos dispensava, sem esquecermos a disponibilidade com que a todos atendia. Neste aspecto, vale a pena salientar a estima que os alunos lhe dedicavam, apesar de não ser propenso a facilidades.

Durante mais de duas décadas vividas ao serviço da Faculdade de Letras do Porto, tinha plena consciência de que a sua investigação e valorização pessoal contribuíam também para a prestigiar, bastando evocar o êxito das dissertação de licenciatura, – que, embora defendida em Coimbra, foi publicada, em duas edições (1986 e 2010), quando se encontrava na Universidade do Porto – e, sobretudo, a de doutoramento

sobre *A parenética Portuguesa e a Restauração, 1640-1668*. Na mesma linha se integra o aprofundamento no conhecimento da oratória do P.º António Vieira e de outros pregadores célebres, estabelecendo uma forte ligação entre a História, a Literatura, os contextos políticos e as mentalidades, que se entrecruzavam no campo da parenética. À luz do que acabamos de afirmar, impõe-se assinalar que estas duas dissertações do nosso homenageado ficarão como pioneiras e incontornáveis nas áreas científica, cultural e das mentalidades para os períodos concretamente definidos, irradiando também para áreas adjacentes.

Nesta breve referência à obra do Prof. João Marques, além do P.º António Vieira, que está claramente no centro da sua investigação, sem pretendermos deter-nos no seu longo e rico *curriculum*, deveremos mencionar outros oradores sacros, que prenderam a sua atenção, não só durante os períodos da dominação filipina e da Restauração, mas também mercê de outras circunstâncias e momentos importantes na vida nacional, como o Terramoto de 1755, as Invasões Francesas e o júbilo pela libertação da Pátria da opressão napoleónica.

No âmbito do recurso à oratória sacra, no período da Restauração – tema nuclear da dissertação de doutoramento –, João Marques, além de ter publicado *A utopia do Quinto Império e os pregadores da Restauração*, salientou a acção desenvolvida por diversos docentes da Universidade de Coimbra e do Colégio das Artes, pertencentes a diversas Congregações Religiosas, incluindo a Companhia de Jesus, que, por ocasião de várias solenidades litúrgicas, se pronunciaram sobre os nefastos efeitos da dominação filipina. Concretizando quanto escreveu sobre esta vertente patriótica, de matriz universitária, deixou-nos uma interessante amostra em *Docentes da Universidade de Coimbra, pregadores da causa da Restauração*.

Na sequência do Terramoto de 1755, surgiu também, uma corrente oratória, documentada em numerosos sermões, convidando os fiéis à penitência e à correcção dos males que os pregadores apresentavam como responsáveis pelo pesado castigo divino, que se tinha abatido sobre todo o Reino e, em particular, sobre Lisboa. Da

repercussão desta trágica agitação telúrica na oratória sacra do período subsequente, em Portugal e no Brasil, recolheu o Prof. João Marques abundantes e significativas demonstrações nos exemplares impressos dos sermões mencionados no extenso estudo *A acção da Igreja no Terramoto de Lisboa de 1755: ministério espiritual e pregação*.

Do que foi a intervenção do clero do Norte de Portugal na resistência às Invasões Francesas e a sua participação no júbilo decorrente da expulsão das tropas napoleónicas, como inequívoca manifestação de patriotismo, proclamada do alto dos púlpitos, deixou-nos uma interessante visão de conjunto, no estudo *O Clero Nortenho e as Invasões Francesas. Patriotismo e resistência regional*, publicado em 1991, não deixando de sugerir um certo paralelismo com o que se passou após a Restauração de 1640.

Além da visão alargada que nos proporcionou destes períodos históricos e da repercussão do Terramoto de 1755, através da extensa sermonária que deles se ocupou, possibilitou-nos apreciar a segunda metade do século XVI, nos seus contrastes e vicissitudes políticas e religiosas, apoiado na correspondência de Frei Luís de Granada – Provincial dos Dominicanos, que tanta influência teve na designação de Frei Bartolomeu dos Mártires para arcebispo de Braga –, no estudo *A sociedade portuguesa coeva na correspondência de Frei Luís de Granada*. A dimensão política de certa oratória, em relação às Invasões Francesas surpreendeu-a e patenteou-a também João Marques nos sermões do P. José Agostinho de Macedo.

O P.º João Marques viveu sempre ligado à Póvoa de Varzim, sua terra natal, mesmo durante o longo período de docência universitária no Porto e na Universidade Católica Portuguesa, em Braga, prestando também apoio a outras Instituições e eventos culturais de relevo, particularmente da sua terra, dedicação que as Instituições e gentes poveiras bem conhecem e não esquecem. Não é possível recordar aqui os numerosos congressos, colóquios, jornadas e encontros em que participou, em Portugal e no estrangeiro, mas, independentemente de outros lhes prestarem mais desenvolvida atenção, não poderemos omitir a sua ligação ao jornal *O Comércio da Póvoa de Varzim*, através de frequente colaboração, e, sobretudo, ao Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, de que foi Director durante oito anos (1977-1985).

Não obstante toda esta acti-

vidade, ainda conseguia acompanhar o convívio com grandes vultos da Cultura, Literatura, Arte e Cinema, como José Régio, Luís Amaro de Oliveira, Flávio Gonçalves, Manuel de Oliveira, etc. e celebrar a vida e divulgar a obra de Santos Graça, um dos vultos da cultura e etnografia poveiras, tendo, além de lhe dedicar o volume *António Santos Graça (1882-1954). Coração Poveiro*, coordenado o *Colóquio «Santos Graça» de Etnografia Marítima*, com que a Câmara Municipal o homenageou, em Outubro de 1982, e acompanhado a publicação das *Actas*, em quatro volumes.

Nesta linha de homenagens à memória dos seus amigos, a que continuava unido por antigas afinidades culturais, ocupou-se, de modo particular, de José Régio e de Flávio Gonçalves – tendo-nos sido dado conviver com este último, na Faculdade de Letras do Porto. De Régio ocupou-se três vezes, a começar pela obra conjunta *José Régio e Flávio Gonçalves. Os caminhos de uma amizade*, fundamentado, essencialmente, na correspondência trocada entre ambos, publicada em apêndice, em 1989, e, depois, em 2001, dedicando-lhe *Raízes e percurso de José Régio (1901-1969)*, e, nesse mesmo ano, o estudo *Para uma reflexão sobre José Régio*, homem religioso, expressão maior da sua amizade e da solicitude com que continuava a acompanhá-lo para além da separação definitiva. Conhecedor profundo da sua obra literária e mercê do convívio com ele mantido durante anos, poderia afirmar, como ninguém, em jeito de homenagem póstuma, que, apesar das contradições e anseios patentes na extensa obra literária publicada e largamente difundida: – «Régio era um ser visceralmente religioso»!

O Professor João Marques, ao longo da sua vida nunca se esqueceu de que era Padre da Arquidiocese de Braga, como demonstra largamente a vasta colaboração prestada a numerosos projectos de natureza histórica e cultural, ligados à Arquidiocese, com extensão a outras instituições eclesiais nacionais, de que se impõe evidenciar algumas. Antes de mais o conteúdo doutrinário patente na vasta obra sobre a parenética, que ultrapassa os limites das dioceses e o âmbito das instituições a que pertenciam os oradores sacros, cujas obras analisou, reflete a sua densa preparação teológica, que tinha sempre presente. Mas, em relação à Arquidiocese de Braga, além da colaboração pastoral, exercida, mormente, na zona da Póvoa de Varzim, teremos de

Continua na pág. seguinte



Reitoria da Universidade do Porto - 22. 03. 2011 - , aguardando a organização do cortejo académico para a sessão comemorativa do I Centenário da Universidade do Porto

Nesta breve evocação do Professor Doutor Padre João Francisco Marques, quisemos, apenas, chamar a atenção para alguns aspectos da sua longa vida e extensa obra científica e cultural que, no futuro, serão revisitados e aprofundados. Do conhecimento dos seus tempos de jovem sacerdote – e nós mais jovem ainda, como seminarista – e depois, colega na Faculdade de Letras, pouco dissemos, pois o mais importante e o que permanecerá é a vastíssima obra científica com que o saudoso extinto enriqueceu a Cultura Portuguesa, impondo-se sublinhar a interligação entre a História, a Literatura, a Política, a Arte e, mais recentemente, o Cinema, em que o grande cineasta Manuel de Oliveira, diversas vezes, recorreu à sua assessoria científica e cultural.

Frisámos, intencionalmente, a indefectível ligação do Padre João Marques à sua diocese e ao clero diocesano. Como colega e amigo, durante mais de duas décadas na Faculdade de Letras do Porto, onde, além da amizade que sempre nos dispensou e, de certo modo, se materializou na permuta de publicações – em que o grande privilegiado éramos nós – apraz-nos acentuar também a sua ligação à Faculdade de Letras, que ambos servimos, tendo ele presidido ao Conselho Directivo, durante três anos, ligação institucional e afectiva, bem evidenciada na sistemática resposta aos convites para actos solenes da Faculdade ou mesmo da Reitoria da Universidade, pontos de encontro de quantos tantas vezes nos cruzámos nos seus corredores e salas de reuniões.

E os elos desse memorável convívio ao longo da actividade académica ficaram registados também nas vezes em que o caminho de regresso a Braga implicou um desvio pela Póvoa de Varzim para um agradável e frutuoso encontro no café, utilizado pelo nosso homenageado, como privilegiado local de trabalho, sem perder o contacto com o mar e com as gentes poveiras.

Para encerrar esta breve evocação do saudoso Padre João Francisco Marques apraz-nos felicitar *Póvoa de Varzim – Boletim Cultural* pela iniciativa desta homenagem a um dos vultos mais ilustres dessa terra.

José Marques

Continuação da pág. anterior

registar a sistemática presença na Sé de Braga, em Quinta-feira Santa, em sintonia com o clero da Arquidiocese e com o Prelado diocesano, celebrando o dia por excelência do sacerdócio, e participando, alegremente, no convívio sacerdotal, então realizado. No plano cultural, que nesta evocação assume uma dimensão muito especial, não poderíamos olvidar a sua intervenção no inesquecível Congresso Comemorativo do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga, em que participou com a comunicação *A obra oratória de D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa, arcebispo de Braga (1876-1885)*. Para além de outros aspectos científico-culturais de âmbito diocesano e da Igreja em Portugal, teremos de recordar a sua participação na iniciativa, decorrente da celebração das comemorações dos 5 Séculos de Evangelização e Encontro de Cultura, que se propunha evocar em todas as dioceses portuguesas os missionários delas oriundos e intervenientes na cristianização dos novos mundos descobertos pelos portugueses. Este ambicioso projecto, que afirmaria para o futuro a presença da acção missionária portuguesa no mundo, concretizou-se, apenas, da parte da Arquidiocese de Braga, mercê da coordenação do Prof. Padre João Francisco Marques, que soube rodear-se de colaboradores que lhe possibilitaram a elaboração do grosso volume *A Arquidiocese de Braga na Evangelização do Além-Mar*, publicado em 2002, que, através das suas 632 páginas, revela a dimensão da sua participação na acção missionária, em séculos passados. Note-se que este volume abrange, apenas, a Arquidiocese de Braga, nas actuais dimensões, pois, na realidade, a acção missionária, então exercida, abrangeria também as dioceses de Vila Real, Viana do Castelo e a parte sul da de Bragança, que só, a partir de 1882, deixou de pertencer à Arquidiocese de Braga.

Se este volume, só por si, representa a dedicação do Padre

João Marques à sua diocese, torna-o também digno da gratidão dos seus mais altos responsáveis por este serviço histórico e cultural prestado à Arquidiocese e à Igreja em Portugal, que mais se evidencia pelo facto de as demais dioceses não terem correspondido ao programa anunciado. Mas a conclusão científica e cultural deste projecto não se restringiu à publicação da obra referida, pois a divulgação da participação missionária de cada um dos actuais arcebispos da Arquidiocese concretizou-se em sessões culturais realizadas localmente, com a sua presença e a dos respectivos colaboradores, eventos culturais que, além da divulgação das separatas desta obra, relativas a cada um deles, perpetuando a memória dos missionários daí oriundos, constituíram um significativo apelo à causa da evangelização nos nossos dias.

Além da conclusão da colaboração arquidiocesana neste projecto da Igreja portuguesa – infelizmente, só parcialmente concretizado – o Prof. João Marques ampliou esta iniciativa com um novo volume dedicado aos *Metropolitanos Bracarense na Evangelização do Além-Mar Português* (2002), em que evidencia a acção missionária dos grandes arcebispos D. Frei Aleixo de Meneses, D. Frei Caetano Brandão, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa e D. Eurico Dias Nogueira.

Mas a dedicação à sua Arquidiocese de Braga, concluída a sua entusiástica e desgastante colaboração na monumental obra literária do P.º António Vieira, em que lhe coube a tarefa da preparação dos 15 volumes dos seus sermões, levou-o a aceitar o compromisso de continuar a publicação dos *Fastos Episcopais da Igreja Bracarense*, desde D. António Bento Martins Júnior até aos nossos dias, projecto que tanto acalentava e a morte interrompeu inesperadamente. Não pôde concretizá-lo como desejava, mas, a sua dedicação intencional à Igreja diocesana de Braga tem de ser registada.

Santa Casa promoveu Concerto de Jardim nas Termas de Melgaço



No âmbito da sua agenda cultural planeada para 2016, a Santa Casa da Misericórdia de Melgaço levou a magia da música ao vivo no jardim ao parque das Termas de Melgaço, no passado dia 9 de Julho, pelas 22 horas.

No espaço próximo do bar localizado no coração do complexo termal, a iniciativa proporcionou um Concerto de Jardim com uma banda que não deixou cair da memória o conceito.

O grupo galego Xardín Desordenado não desarranjou (ainda assim) o anfiteatro natural do parque termal.

Experientes na sua musicalidade e com a obra dos poetas debaixo da língua, nesta noite de Julho foram à obra de Manuel María (conhecido poeta galego) beber as mais sentidas palavras e mostraram-nas envoltas em sonoridades que caem bem com a brisa das noites de verão.

Do swing aos blues, o colectivo musical deixou as vozes de Santiago Ferragud e de Marlene Rodrigues, as mais proeminentes do grupo, embalar a plateia, dispersa pelo recinto que, pela penumbra em que envolveu a plateia e músicos, colocou em sintonia o espírito intimista do evento.

A Santa Casa da Misericórdia levou assim a animação diferente a um dos espaços comerciais do concelho, manifestando vontade em repetir o conceito noutros espaços do concelho, convidando novos públicos a participar e conhecer melhor as nuances do Concerto de Jardim.

João Martinho



DIA DO BRANDEIRO | Melgaço

Os Homens do Cajado Firme na Rota da Transumância e Cisterciense

José Rodrigues Lima

De acordo com o preconizado no projecto "Memória e Fronteira", no próximo dia 6 de Agosto será comemorado o Dia do Brandeiro, homenageando os construtores da comunidade agro-pastoril da Branda da Aveleira, Melgaço.

A Declaração Patrimonial proclamada em 1996 será assinalada nos vinte anos decorridos.

Os gaiteiros da Gave farão ecoar os sons musicais nos contrafortes da serra da Peneda, bem como as concertinas farão a animação dos forasteiros, emprestando ao dia comemorativo e à beleza da paisagem os tons festivos.

Do programa constam intervenções de investigadores da "arte" da sobrevivência que conviveu com a "arte" da solidariedade ativa.

O cortejo de carros de bois será uma manifestação assinalável, transportando o feno da tradição e as batatas de paladar ímpar.

A MIL E DUZENTOS METROS DE ALTITUDE

A Branda da Aveleira, localizada a 1200 metros de altitude, será o ponto de encontro de todos aqueles que através do tempo secular se deslocavam da parte baixa da freguesia da Gave, conduzindo o "bibo" formado por gado bovino, ovino e cavalari, e aí permaneciam de Abril aos fins de Setembro em comunhão com a natureza.

Os brandeiros são os homens do cajado firme, "os caminhadores de olhos cheios de memória e pensamentos lavados pela aragem".

A Branda da Aveleira é um autêntico santuário natural, onde existe o depósito da memória de uma actividade pastoril valorizada com a paisagem cultural enriquecida com testemunhos de origem glaciária, como moreiras e blocos erráticos da idade pleistocénica, mamoa do batateiro, cardenhas e a diversidade com substrato arbóreo, arbustivo e herbáceo.

CAMINHADAS COM SUORES E SUSTOS

Na assembleia dos brandeiros anciãos serão recordados os

trabalhos do quotidiano cheios de caminhadas e suores, de emoções e sustos quando o gado se tresmalhava, ou o lobo atacava a "rês" ou "fazenda", e onde o silêncio nocturno era quebrado pelo correr das águas dos ribeiros da Aveleira, do Videeiro e Calcado, ou pelos sons agourentos de alguma ave.

CARDENHAS - CASAROTAS SEM IDADE

Na branda construíram-se abrigos para os brandeiros, as denominadas cardenhas, construções rudimentares feitas de pedra tosca que se encontra nos locais de montanha, sendo cobertas por lajes, formando uma cúpula falsa. Muitas possuem dois níveis, sendo o de cima para o brandeiro dormir, e a parte de baixo para guardar o gado.

Estas casarotas sem idade, cobertas de cinzentos líquens são bem a imagem da aspereza primitiva da vida das gentes serranas, frugal e dura, revelando uma tendência ancestral.



Podemos sublinhar que paisagem cultural da branda revela indicadores celtas e por isso faz sentido lembrar que "ser minhoto é ser celta, castrejo, galaico, pouco lusitano, mais suevo do que visigodo".

COMIDA À BRANDEIRO

A gastronomia dos homens do cajado firme tinha como base os comestíveis que traziam da parte baixa da freguesia da Gave com destaque para a carne de porco. Na cardenha havia sempre um bom presunto pendurado...

Por vezes acompanham-nos algumas aves de capoeira. A apreciável batata era cultivada nos terrenos da branda, e nas águas dos ribeiros pescavam-se algumas trutas.

Com o leite das vacas e cabras faziam o caldo de leite, sopas de leite, miltarhos e formigos. A água de unto, o caldo de farinha,



as batatas solteiras auxiliavam a alimentação, e as sopas de vinho, por vezes, alegravam o coração e não faziam mal nenhum.

A preciosa água da montanha matava a ardente sede, resultado do corpo quebrado pelas caminhadas e pela canícula abrasadora.

A vida dura contribuiu para forjar o carácter firme e persistente, tornando os brandeiros homens de segredos e mundividências sábias.

"Na sombra dos tempos os velhos sabiam ouvir as vozes do mundo a falar".



Para avaliar o que foi a fuga de braços jovens para as cidades europeias, basta referir que entre 1960-1965 houve no tribunal de Melgaço 803 processos e as causas eram o engajamento, a emigração clandestina e a falsificação de passaportes.

A fim de registar o tecido histórico-cultural da vida na Branda da Aveleira em 2001 foi editada a obra "Olhares Multidisciplinares - Branda da Aveleira - Melgaço", e em 2007 o livro "Uma vida entre a poesia", do antigo brandeiro José Maria Rodrigues.

Como escreveu Miguel Torga, "há sempre um reino maravilhoso".

Também na montanha se escreve a história da vida dos homens, actores de uma trama onde há reciprocidade, permanência e universalismo.

Na actividade pastoril também participaram meninas de tenra idade, como a investigação revela e a quadra regista: "Ó minha branda querida, / Terra da minha afeição; / Onde cresci em menina, / E amei a vida em botão."

CONVERSAS SEM TEMPO... NA BRANDA

A celebração do Dia do Brandeiro criará espaços para se ouvir o relato do quotidiano da pastora: "Quem nasce no monte volta para o monte, como o melro puxa à silvareira", "O monte é mais bonito porque fica mais perto do céu. Aqui há silêncio, ar puro, contacto com a natureza... Por aqui deixa-se correr o tempo, olha-se o gado e as flores lindas. Bebe-se água fresca, dorme-se uma soneca e assobia-se um pouco. É bom!

Pela canícula o gado descansa nos cortelhos; pela fresca o "bibo bai pró pasto".

No fim do dia arranja-se o comer e conversa-se com os outros brandeiros. E pronto, é "noute", e temos de dormir, pois de manhã cedo é preciso abrir os cortelhos para "o bibo" sair outra vez, re-touçando as ervas.

Isto é um sossego...

Aqui, é a Branda da Aveleira, concelho de Melgaço. Lá em baixo encontram-se os ribeiros da Aveleira, do Videeiro e do Calcado, juntando-se todos Antre-os-Portos, formando o rio Vez. É na junção das águas.

Há muitas "estórias" para contar por "bia" dos gados, dos pastos, da pesca nos ribeiros, do poulou das beiguinhas, do lobo, dos sustos que apanhamos... Bô! Bô!

Continua na pág. seguinte





Continuação da pág. anterior

Agora tenho mais é de ir buscar as "bacas".

Os brandeiros quando lhe apetece, e há forças, fazem labores com lugões, arranja-se a coucoeira, conserta-se o tarambelho ou arruma-se a bezerreira.

Até lhe podia contar a "estória" quando o lobo matou uma cria e o dono não topou o lobo nem a cria... pois o lobo não espera.

TURISMO DE MONTANHA

É de sublinhar que as antigas cardenhas, através da candidatura do programa LEADER II, foram recuperadas de acordo com a

traça arquitectónica tradicional, e assim os apreciadores do turismo de montanha, podem instalarse na Casa da Cova dos Anhos, Casa da Covinha, Casa do Rio, Casa da Fonte, Casa do Carvalhinho, Casa do Castanheiro, Casa do Piorno e Casa da Bica.

As casas dos pastores são agora utilizadas pelos turistas fatigados que buscam o silêncio da montanha, num verdadeiro retorno às origens, saboreando a diversidade cultural com ares brandos e águas cristalinas, dando descanso ao corpo e paz ao espírito.

Se o Alto-Minho é litoral e interior, também é ribeira e montanha, onde o diálogo com

a memória dos homens e das coisas leva-nos a descobrir um património material e imaterial assinalável.

Como escreve o filósofo Heidegger, os brandeiros são "depositários de saberes e valores ancestrais, com valores enxertados na árvore do passado, mas se extasiam na seiva que irrompe para dar frutos no futuro".

Se a cultura material passa por um lençol, duas mantas, alguns potes ou azados, duas broas, um presunto, dois cabaços descascados, chicolateira velhinha, morouço e lareira, trempe e gamela, o corno e gadanha, o mascoto, o ripanço, o arado de pau e outros, a cultura imaterial

revela-se numa linguagem que vai desde a coucoeira ao tarambelho, passando pela bezerreira e pelos labores com lugões.

MONGES NA SERRA

Através de registos históricos referentes ao Mosteiro Cisterciense do Ermelo, no Vale do Lima, e ao Mosteiro Cisterciense de Fiães, já no Vale do Minho, sabemos que a ligação directa entre ambos os mosteiros se fazia pelo Soajo, Adrão, Miradouro, Peneda ou Cando, passando nas franjas da Azeiteira, prosseguindo por Lamas de Mouro para depois encontrar Santa Maria de Fiães, sedimentando assim a rota cisterciense do Alto Minho.

A comunidade cisterciense do Ermelo possuía terras no Cando e Pomba. O Mosteiro de Fiães igualmente em Fervença, na Bouça dos Homens, assim como em Ciche e em Campelo da Azeiteira.

Através de documentos do Mosteiro de Fiães conhecemos os foreiros Pedro Migueis, do Cando e outros do Vale de Poldros, bem como o enfeiteuta Gonçalo Fernandes, da Azeiteira.

Os brandeiros apontam os caminhos patrimoniais não rompidos onde sentimos o mítico e conhecemos a história da actividade pastoril nas terras altas do Minho.

José Rodrigues Lima

eprami escola profissional do alto minho interior

"UMA ESCOLA ÚTIL PARA A VIDA"

António Sérgio

ano letivo

2016 | 2017

cursos

PROFISSIONAIS

inscreve-te em

eprami.pt

Apoios:

Alimentação
Transporte gratuito
Alojamento/Residência de estudantes
Bolsa de material de estudo
Bolsa de estágio
Seguro escolar
Isenção de propinas
Projetos e Estágios Internacionais
Apoio aquisição pc portátil



PAREDES DE COURA

// TÊC.de LUZ, SOM e EFEITOS CÉNICOS

// MECATRÓNICA

// ESTÉTICA



MONÇÃO

// MECATRÓNICA AUTOMÓVEL

// TÊC.de MASSAGEM de ESTÉTICA e BEM ESTAR

// RESTAURANTE/BAR



MELGAÇO

// ASSISTENTE DENTISTA

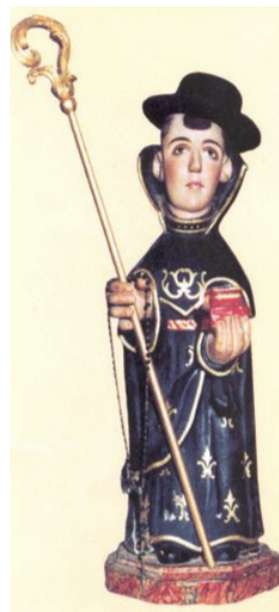
// INFORMÁTICA de GESTÃO



ademinho

O CICLO FESTIVO

Festas, Feiras e Festivais



Estamos no tempo das manhãs claras, dos dias solarengos e com temperaturas agradáveis.

O Alto-Minho é um arraial contínuo.

Ouvem-se sons dos gaiteiros, dos bombos, dos cantares ao desafio e escutam-se as bandas de música no arraial, que dura pela noite dentro, executando lindas partituras onde a música clássica se mistura com rapsódias.

Há música rock animada e forte.

Dança-se e fala-se ao amor.

“Teus olhos me guiam, / Tua alma me aquece; / Teus lábios me beijam / Meu coração adormece”.

Aquando “os santos populares” houve foguetes no ar e sardinha assada e aromas de manjerico.

Agora, na festa dos padroeiros os sons festivos ouvem-se ao perto e ao longe. Os fogos de artifício iluminam o céu com multicores.

Acontece o espectáculo piromusical.

Há procissões com estandartes, andores, figurados, devotos amortalhados cumprindo promessas de horas difíceis.

As comissões, mordomas e mordomos desfilam com alegria festiva.

Surgem ramos de flores para o santo da devoção com muitos cravos brancos e vermelhos.

Ouvem-se toques festivos dos sinos nos campanários.

Fazem-se preces sentidas e desabafos de recordação, ligando o hoje ao ontem, onde os laços antigos se cumprem na tradição. Cada um sente a festa a seu modo, mas vivendo-a na coesão social com rituais integradores.

Há sons e animação com carrinhos a dar uma volta...

Há pregões de feirantes e provam-se as farturas.

Ainda há rosas, mas já não há pirolitos.

Não há as aguadeiras de cântaro à cabeça, anunciando: “Olha a boa limonada.”

Agora saboreiam-se outras bebidas...

Haja alegria que baste, para quebrar com o quotidiano pesado, pois “tristezas não pagam dívidas”.

É tempo de viver de manhã e pela noite dentro com um coração novo em companhia de familiares e amigos.

A comensalidade é festiva, saboreando-se a boa comida em mesas grandes com toalhas lindas.

Os aromas cruzam-se com os paladares, saboreados com o bom vinho verde. (Como aquele que se esconde no pipo detrás da porta e era reservado para o dia dos padroeiros).

É a festa da nossa terra.

Continua na pág. seguinte



RESTAURANTE “O Adérito”

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, mini-bar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

Continuação da pág. anterior

Assim, de Maio a Setembro, e que linda é a nossa festa!

De portas a dentro (na Igreja) e portas a fora (no arraial).

E não se esquece a esmola ao santo, ofertando a dádiva da reciprocidade.

Rogam-se bênçãos para os dias de trabalho, dos afazeres e das canseiras.

Mas vamos à festa dos padroeiros e das romarias.

Não há muito tempo os meses do ano eram referidos pela celebração do santo.

Assim, o mês de Junho era o mês de S. João; o mês de Julho era de S. Bento ou de Santiago; o mês de Agosto é o de S. Bartolomeu e da Sr^a da Agonia; e o mês de Setembro (o mês das colheitas) conhecido pela Romaria da Sr^a da Peneda e S. Miguel.

Recordamos de Pedro Homem de Mello:

"Quando ouço a concertina,
Reparo e tiro o chapéu;
Não me importava de morrer
Se houvesse disto no céu".

Assim registamos ainda da nossa poesia:

"Mesmo na frente marcham a compasso,
De fardas novas vai o sol e o dó;
Quando o regente lhe acena com o braço
Logo o trombone faz pó, pó, pó,
pó, pó, pó".

(Lopes Ribeiro)

"O fogueteiro é engraçado,
É engraçado tem jeito;
Deita o fogo para o ar
Fica todo satisfeito"

(Popular)

"Pelos ruas, os zés pereiras
Num zabumbar,
Entre trofeus e bandeiras
Lá vão p'ró grande arraial"

(Francisco Silva)

"Gaita, gaitinha, ai feiticeira
Gaita, gaitinha, que alegre o sol;
Porque foi feita p'ra moineira
É que lhe chamam gaita de fole!"

(João Verde)

FEIRAS

No tempo de verão realizam-se muitas feiras que mobilizam negociantes, vendedores e por vezes gado cavalariço.

É de referir a feira anual a 12 de Setembro, em Portela de Alvíte, Sistelo, concelho de Arcos de Valdevez. Aí se transacciona bastante gado cavalariço sendo de destacar os garranos.

Como escreve a historiadora Virgínia Rau "as feiras são uns dos aspectos mais importantes da organização económica da Idade Média. A feira não supõe só o ponto de contacto periódico entre compradores e vendedores, onde se compra, vende, ou escamba. Supõe também uma organização especial.

As feiras contribuíram para a melhoria das relações económicas e jurídicas entre os homens.

As romarias, as peregrinações e todas as festividades religiosas atraíam peregrinos vindos de longe, e assim essas concentrações tornavam-se muitas vezes em centros de troca."

Pelo Alto-Minho realizam-se as feiras com inspiração medieval, atraindo muitos forasteiros que se introduzem no ambiente secular onde não faltam os cuspidores de fogo e os tamborileiros.

FESTIVAIS

O ambiente bucólico do Alto-Minho convida a apreciar as águas cristalinas dos rios que descem da montanha e correm para o Atlântico.

Há espaços que convidam a permanecer ouvindo o murmúrio das águas e canto da passarada.

No território minhoto há locais que convidam para se ouvirem as bandas de rock.

Assim, está muito divulgado o festival que se realiza na zona do Taboão, Paredes de Coura, bem como o festival de Vilar de Mouros.

Mas em Ponte de Lima, de há anos a esta parte, há uma iniciativa já de carácter internacional que é o "Festival de Jardins". No corrente ano a efeméride tem o tema: "Jardins do conhecimento".

As festas destacam a importância do território e do património, desenvolvendo momentos culturais significativos nas dinâmicas sociais.

Parece-nos oportuno referir o pensamento de Platão: "Mas os deuses com pena da humanidade - nascida para trabalhar - estabeleceram a sucessão de festas repetidas, a fim de recupera-las da fadiga, e deram-lhes as Musas e Apolo, seu chefe, e Dionísio, como companheiros nas suas festas, de forma que, alimentando-se com os deuses em companhia festiva, pudessem novamente manter-se de pé e erectos."

"A festa define-se pela efervescência, explosão intermitente, o frenesim exaltante, o sopro poderoso da efervescência comum, a concentração da sociedade, a febre dos instantes culminantes".

A festividade revigora as energias sociais, de acordo com o pensamento de Durkheim, Hubert e Mauss.

A festa faz bem para alegrar a gente.

O tempo de férias é bom para fortalecer o convívio familiar e celebrar a amizade.

No livro do Eclesiastes (Bíblia) podemos ler: "Debaixo do céu há momentos para tudo: um tempo para morrer, um tempo para chorar e um tempo para rir, um tempo para se lamentar e um tempo para dançar".

José Rodrigues Lima

MEMÓRIAS (IX)

Operação Relâmpago

Em Muxuluando, o Brigadeiro Sottomayor, Comandante do Sector, quis oferecer-se para continuar para além dos doze meses que já levava na área. Como tal não fosse possível, ao chegar de Luanda, mandou inspeccionar todo o pessoal, findo o que formaram na parada. Explicadas as razões patrióticas que poderiam levá-los a continuarem a omissão no Norte de Angola, num discurso emocionado, os que pretendessem ficar dariam um passo em frente e os que quisessem sair deixar-se-ia estar. Dada a ordem, todo o pessoal se manteve nas suas posições. Sendo assim, o brigadeiro António Sottomayor resolveu despedir-se da área com uma operação de três dias - a operação "Relâmpago" - e que consistia no seguinte: dois pelotões de Nambuanguo iriam para a fazenda Três - Marias, onde um era levantado de helicóptero e outro ficava em reserva. O que avançava era lançado na impenetrável mata do Hala, onde montava a segurança para a Companhia da fazenda Maria Fernanda, que havia três meses se encontrava na área, mas, como numa das suas primeiras saídas tivera nove mortos, ficara traumatizada abstendo-se de grandes aventuras. Coube-me comandar o primeiro pelotão: para o efeito reuniu a Companhia e escolhi, a dedo, os vinte e quatro homens que iam acompanhar-me. Metade, tinham sido punidos e a outra metade tinham sido louvados. Aqueles queriam provar que eram mesmo bons e tinham aqui uma oportunidade de se limparem; os outros, uma prova da sua real valia. À falta de cartas utilizaríamos foto - mapas.

* * *

Fomos então lançados, de tarde, numa zona de capim rodeado de mata impenetrável, e logo ali apanhámos uma mulher e três miúdos, (que nos caíram na rede) um deles às costas da mulher, que vinham possivelmente da lavra, pelo que resolvemos, logo que chegou a Companhia mandar os dois miúdos num helicóptero para o sector, indiferentes à vontade do brigadeiro que dizia insistentemente "mate e destrua!", "mate e destrua!". Em seguida veio a Companhia e, a partir daqui, iniciámos a nossa descida para sul, tendo passado uma vista de olhos pelo aldeamento próximo, debaixo da mata. Logo ali ficou claro que era eu quem comandava a operação, pois o capitão meteu-se entre os meus homens e nunca mais

abandonou essa posição. À noite, instalou-se próximo de mim: mandou fazer uma cama de capim, meteu-se dentro do burro de campanha, aspergiu-se com insecticida e dormiu como um justo...

De manhã continuámos a nossa caminhada ao longo de um pequeno ribeiro, ouvindo de quando em quando o cantar de galos, até que, em certa altura, surpreendemos um bailundo (soubemos depois) que vinha em sentido contrário. O bailundo é, para os dembos, uma raça inferior que eles utilizavam como criado. Feito um interrogatório sumário (de onde és, de onde não és?) ele pretendeu, como sempre fazem os prisioneiros, trazer-nos às voltas para não sair do seu ambiente, na esperança de poder safar-se na primeira oportunidade, de modo que decidimos o contrário do que ele nos dizia e acertámos, porque andados uns passos, fomos fustigados da parte de cima do monte, veleidade a que o Arménio, o homem da bazuca, resolveu de imediato pôr termo mandando para lá uma bernarda que os reduziu ao mais profundo silêncio. Pouco depois de termos deixado o vale, a avioneta veio sobrevoar-nos com uma ordem inusitada: "lance uma granada de fumos". Uma granada de fumos?! Isso era denunciar-nos, dar uma indicação da nossa posição! Mas, cada vez que o capitão V.N. dizia "estamos mesmo sobre a sua asa esquerda" ou "da sua asa direita", a ordem era sempre a mesma: "lance uma granada de fumos!". De modo que não houve outro remédio senão fazer-lhe a vontade. Lançada a granada de fumos, acertamos o azimute e viemos a pernoitar do outro lado do vale onde montamos a segurança. Não me passou despercebido o carinho que o guia dedicava à mulher que tínhamos capturado no dia anterior.

* * *

No dia seguinte continuámos a nossa marcha de regresso ao quartel. É preciso dizer que aquela região se caracteriza pela densa vegetação. Não obstante o Hala ter um importante quartel, o In[imigo] ficara surpreendido com a nossa intervenção e tudo fazia por pôr a salvo as populações. A distância que nos separava da fazenda Maria Fernanda era muito grande e não havia tempo a perder. Já de noite, atravessámos a mata. As formigas metiam-se no corpo do rapaz que chorava. Os soldados, alguns mais nervosos,

desesperavam, e havia quem jurasse que ainda metia a cabeça do rapaz na bazuca. Mas, claro, isso era só conversa...

Chegámos, enfim, ao local de embarque aonde as viaturas vieram buscar-nos. Antes, porém, de chegarmos ao quartel o condutor da viatura em que seguia, um unimog de caixa aberta, não fez a curva e esta virou. Sorte que ninguém se feriu; apenas eu parti um dedo e levei uma pancada no pescoço. Apesar disso, todos chegamos com alvoroço ao aquartelamento onde tive a surpresa de verificar que o cozinheiro da messe de oficiais, era o Oliveira, de Monção, antigo empregado do café Caravela, já meu conhecido dos tempos em que, estudante em Braga, ali fazia horas para a camioneta dos Arcos! Depois, foi tomar um banho e jantarmos. No dia seguinte foi a partida para Nambuanguo, via Quicabo, sede de outro Batalhão. A Sala, que tinha o nome do Comandante, agora ausente em férias, estava profusamente iluminada e os oficiais tinham acabado de jantar. Ali cheguei com o camuflado rasgado e um braço ao peito, mas fui servido como um príncipe com a fruta descascada e imensa ternura... Quicabo tinha, aliás, uma história bastante rica, a começar pela história do furriel Janos Szabo, morto quando levava um soldado morto às costas e em honra do qual tinha sido erguido um monumento. Janos Szabo que viveu em Braga com o pai José Szabo quando este foi treinador do Sporting local e que eu me lembrava de o ver fardado a tomar café na Avenida Central com o Zé Torres da camisaria do mesmo nome na rua do Souto, quando foi mobilizado. Depois o quartel estava impecavelmente limpo, os soldados andavam rigorosamente fardados como se não estivessem na guerra. Respirava-se organização, disciplina. No dia seguinte de manhã seguimos para Balacende, aonde dois pelotões da Companhia foram buscar-nos. Uma vez em Nambuanguo, o meu pelotão formou com o resto da Companhia, onde o Comandante veio saudar-nos e tomar conhecimento da forma fidalga como tínhamos sido recebidos e tratados em Quicabo.

Já uns dias mais tarde, e não me recordo como, é que viemos a saber que o guia fugira com a preta para a mata. O meu palpite afinal tinha dado certo...

Alberto Pereira de Castro

Dois amores, uma vida

Ela em casa, ele pelo mundo, onde quer que um bom negócio se apresentasse, constituíram um casal como poucos. Se ele tinha olho como ninguém para atrair lucros, ela não lhe ficava atrás no que empreendia à porta de casa. Os bens comuns aumentavam na mesma medida que o respeito e a admiração de vizinhos e conhecidos de perto e de longe. Até porque num tempo em que o dinheiro escasseava, os empréstimos a juros que ele não recusava a ninguém tiraram muito boa gente de apuros.

Quando se casaram, a ligação dele à Domitília era do conhecimento geral, da sua consorte também. Vinha de longe, talvez mesmo de antes da viuvez dela. O povo falava, porque é mesmo assim, com motivo ou sem ele, o povo tem de se entreter com alguma coisa, mas no caso dela havia uma certa condescendência, três crianças, ainda por cima rapazes, comem muito e os recursos da mãe eram poucos.

A Rosa entrou na vida dele e era de esperar que se desligasse da outra, mal parecia que a mancebia continuasse nas barbas da legítima esposa. As saídas clandestinas para lá e para cá da fronteira trocaram-lhes as voltas e o ganha-pão de subsistência da Domitília, às ordens do Artur, sempre por perto, fazia avivar lembranças de encontros quentes e fogosos. Reataram a amizade, com discrição, mais do que nunca ela não queria confrontar os filhos com um bastardo na casa que fora do pai deles. Uma coisa seria parir com o marido por perto, outra depois de o ter enterrado.

Ele não pensava nessas coisas, os filhos eram assunto das mulheres, nem lhe passando pela ideia que a sua legítima nunca mais dava fruto. Não era por falta de empenho, as suas obrigações para com a Rosinha eram cum-

pridas como manda a lei. Sobre tudo depois dos encontros fugazes por palheiros, no monte ou em pousadas de ocasião, o leito quente e acolhedor da sua casa libertava-o de qualquer resquício de culpa que pudesse subsistir das facadinhas no matrimónio.

Nunca ouviu da boca da mulher uma palavra de recriminação e a amante exigiu manter sempre a aparência de viúva bem comportada, mesmo depois de perceber que aquela aliança não daria fruto. Percebeu-o ela e deve tê-lo percebido a Rosa, cujo ventre persistia em se manter seco, mesmo depois de se ter socorrido de mezinhas que com outras tinham resultado. A falha não devia ser dela, pois a amásia já enchera ao menos três vezes que se soubesse e desde que o Artur a tinha por conta, nada. Ou era Deus por ela, ou era castigo dele, que desde bem cedo espezzinhava o sagrado Mandamento.

A falta de um herdeiro para os muitos teres que o Artur e ela iam acumulando tornou-se numa dor surda para a Rosa, roía-lhe as entranhas depois de lhe ter tomado conta da cabeça. Nem pensar que, com o tempo, os rebentos da Domitília pudessem vir a cair nas boas graças do amante da mãe. Deixar um tostão que fosse àqueles tresmalhados estava fora de questão, nunca ela ou a descendência dela se amesendariam com o que era seu!

O Artur nunca pronunciou uma palavra sobre a falta de filhos, mas, com o tempo e o hábito, a mulher sabia ver sinais que mais ninguém via e quando a rotina o mantinha afastado da outra sentia o seu reino ameaçado. Ele eram momentos em que o via ensimesmado, inquieto, ele eram respostas ríspidas sem razão visível e ela a matutar no que engendrar para manter o seu reino em paz.

Deu consigo a propor presentes para a outra, coitada, com tan-

tos filhos há muito que não devia comprar uma peça de roupa para si própria; quando encomendasse as batatas para a semente, não se esquecesse de que a comadre também ia precisar e quem compra dois sacos, compra três. E outras coisas que ela apresentava com a maior naturalidade, como estar precisada de ajuda para lidar com a matança dos porcos ou a fornada do pão, aquela dor que se lhe instalava nas cruzes não se compadecia com o levantar de pesos e a força para modelar a massa, para ficar olhudo o centeio demandava muitas voltas. Até para dispor as cebolas ela a chamava, fazendo apelo a uma dor de cabeça que a incomodava há três dias.

Da partilha da amesendação do meio-dia passou-se rapidamente para a ceia, sobretudo depois de os rapazes da Domitília começarem a deixar o maternal ninho pelas noites de ronda e as idas para as barragens do Lima dar serventia aos pedreiros. O caldo de leite e o presigo da casa abastada era bem mais aconchegante do que as eternas batatas que aconchegavam a barriga dos pobres antes do sono, se bem que uma mulher se contenta com pouco. As longas noites de inverno propiciavam serões condizentes e a Rosa preferia-os com o seu homem por perto, mesmo se para isso tivesse de chamar a outra para junto deles, sentá-la à sua mesa, partilhar com ela dichotes e tarefas que se faziam à luz do petromax.

Uma noite inclemente, com o vento a fazer das suas, assobian-do e revolvendo o fumo na la-reira, não lhes dando tréguas, os olhos a chorar por via da fumaça, estavam os três a especular sobre o primeiro nevão que se anunciava e o Artur a propor que a comadre se deixasse ficar para pernoitar, não havia condições para se expor ao temporal, não havia necessidade de pactuar com a



doença, no mínimo um resfriado estava-lhe garantido.

Apanhada de supetão, a Rosa ainda tentou reagir, o quarto da criada estava cheio de tralha, o enxergão por encher, esperava mais um pouco a ver se a chuva amainava e havia a capa de oleado... Ora, a cama deles dava bem para os três, só tinham de se aconchegar, afinal todos tinham partilhado o leito com mais do que um irmão ou irmã, ou não? Além disso, com a cama encostada à parede, só havia o risco de um deles cair. Ele preferia-se do lado de fora, mas era como a Rosinha preferisse, melhor ainda era ficar aconchegado entre as duas. Disse-o com naturalidade, como chalaça, estava dito e as duas registaram.

Foi a primeira de muitas noites em que a partilha não se limitou à ceia e ao serão. O que movia a Domitília, pensa-se, era a fatura que o Artur levava à sua casa, o pão, a carne, o vinho, qual mel adoçando um quotidiano difícil para quem não tinha onde cair morta e quando pequena nunca comera até ficar farta. A Rosa, diz-se, viveu amargurada por não lhe dar um único filho e receou que ele a trocasse pela outra, aceitou o abuso em consciência, afinal era dona e senhora da casa dele, punha e dispunha de tudo, era a rainha do lugar.

Quando o fim dele se aproximava, a doença a roer-lhe as

entranhas, o Artur só perguntava pela comadre, era da mão da Domitília que aceitava um caldo ou um mimo mais raro, era por ela que chamava para lhe limpar o suor da fronte, para lhe afugentar as moscas com o ramo fresco de castanheiro. E a Rosa assistindo a esta proximidade sem dizer palavra, engolindo, dia após dia, a sua presença contínua; que podia ela contra a vontade dele? Quase a prestar contas perante o Criador, aguentara tantos anos, aguentaria mais uns meses, não passaria do verão, garantiam os médicos.

Nos dias que precederam a sua hora derradeira, quase sem fala, era para a Domitília que os seus olhos se viravam, era ela que lhes dava algum brilho e foi ela que lhe chegou os últimos golos de água, quando já mais nada passava dos seus lábios. Mal os olhos do Artur se embaciaram, foi a própria Rosa que agarrou a outra pelo braço e a pôs fora da porta, aquela hora era da família, os vizinhos tinham de esperar que tratassem do corpo. Assim, sem mais palavras, como se de uma qualquer se tratasse. A comadre saiu sem dar mostra da desfeita, o que tivera dele era muito mais do que a Rosa recebera e isso nunca ela lho tiraria, queria tratar do corpo, tratasse, ela tratara-lhe da alma muito mais do que a frieza da mulher legítima podia imaginar.

Deolinda Carvalho

VENDE-SE Em Monção

QUINTINHA:

Casa para restaurar,
Eira e Canastro
Terreno de cultivo/
/alvarinho (± 7000 m²)
Água e mina corrente,
junto à ex-EN304

Contacto: 251 652 146

ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril

PORTUGAL

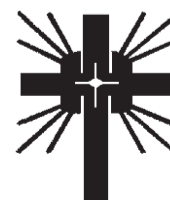
Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

FLASHS DO CICLO Geringonça e Cogumelos

Costuma-se dizer que, adorar a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo é impossível. Mas é o que António Costa tenta conseguir para se reabilitar politicamente com a Geringonça que criou. Com efeito, conciliar a Europa com os partidos a que se colou, única via para chegar ao poder, é e será muito difícil aguentar muito tempo.

No dia 7 de Julho findo, assisti via TV, ao debate sobre o Estado da Nação, na Assembleia da República. Se não fosse estar ali quem governa Portugal, seriam uma horas bem passadas. Assim, foi um pesadelo. Com efeito, quem pode confiar naquela Geringonça? Não me admira o B.E., partido de várias cores, ou seja, várias ideias. Porém, o Partido Comunista meteu a cassete na gaveta tornando-se curioso como Jerónimo de Sousa procurava torner o seu mal estar. Efectivamente quem o viu e quem o vê. É mesmo o resultado dos casamentos por conveniência. Costa queria o poder. Para isso, prometeu tudo o que lhe pediram.

O P.C. e o B.E., cujo lema é derrubar governos, aproveitaram-se da ocasião. O que não pensaram bem, é que Cavaco Silva, sempre pôs o interesse do País acima de tudo, pelo que exigiu um acordo escrito. Agora verifica-se que, quer Bloco, quer Partido Comunista, espereiam a primeira oportunidade para abandonarem o barco. O pior é que enquanto esse dia não chega, Portugal vai perdendo a confiança e consequentemente o crédito. Aliás, o processo que está na Comissão Europeia por muito que se revoltam com sanções, não tenho dúvidas que é fruto das cedências que Costa tem feito para manter a Geringonça unida. As anulações dos candidatos dos transportes de Lisboa e Porto e alterações do Acordo da TAP, são os mais significativos. São quistos malignos nos orçamentos do Estado. Não é admissível que costumem dar prejuízos colossais e os seus dirigentes a receber importâncias fabulosas de prémio. E o povo da província a pagar os desmandos dos transportes de Lisboa, Porto e TAP.

O Presidente da República, na visita a uma Fábrica de Cogumelos em Macedo de Cavaleiros, comparou dois cogumelos com o P.R. e o governo, dizendo que o cogumelo grande era ele, e o pequeno, o governo. Porém, havia poucos dias anunciara que o carro que lhe estava destinado não o queria para seu carro, pelo que o entregou ao governo, indo comprar um mais barato, ou seja, o que é caro para ele, é barato para o governo.

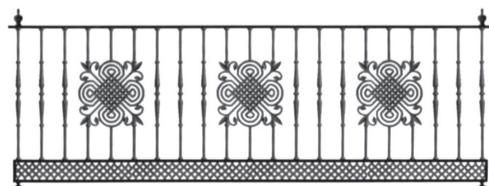
É caso para perguntar: Onde irá parar este populismo?

Arménio Melo

ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO

Parabéns ao casal
**Manuel Francisco Codesso e
Maria Lina Domingues de Paderne**
pelos 59 anos de casados!

SERRALHARIA BOAVISTA DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO

"Habemus vinum" VII (IIIª série) No verão o Vinho Verde é Rei

Não poderia no pico do verão, e quando os distintos enófilos e leitores desta página, de me referir ao vinho verde que nesta altura nos acompanha nas férias a degustar uma boa refeição com a sua frescura.

É um facto que isso acontece, e, encontrando-me eu de férias na região do Minho, mais precisamente em Vila Nova de Cerveira e Moledo, foi o vinho que acompanhou a maior parte das minhas refeições, com a minha preferência para o alvarinho.

A par disso, realizou-se o "Alvarinho Wine Fest", no início de Junho, em Lisboa, para dar a conhecer os vinhos "alvarinho" da região de Monção e Melgaço, enquanto na Alfândega do Porto, aconteceu no fim de Julho "Vinho Verde Wine Fest". É caso para dizer que a promoção do Vinho Verde e mormente do "Alvarinho" tiveram momentos altos nesses eventos.

Para além disso a própria comunicação social especializada, mormente a revista de Vinhos, na sua edição de Julho, refere com honras de capa, uma apreciação sobre "Os Melhores Alvarinhos de 2015" de Monção e Melgaço. Curiosamente, a revista "Vinos y Restaurantes" do mesmo mês do país vizinho, dedica um "Especial Galicia", onde aborda o tema da importância dos vinhos desta região.

A apresentação do "alvarinho" na capital, para além de darem a conhecer os vinhos da região, para mais de 7000 pessoas, conforme o João Martinho nos informa na última edição, deu a conhecer vinhos desconhecidos para muitos da própria região, como reconheceu o autarca. Para além disso proporcionou a venda de vinhos aos visitantes, o que não acontece noutros certames, com um encaixe financeiro para os produtores que participaram.

O "Vinho Verde Wine Fest" que se desenrolou em quatro dias

na Alfândega do Porto, teve para além de um conjunto de acções com provas de culinária e de vinhos dos expositores participantes, teve a "companhia" de um elevado número de automóveis clássicos, cujos proprietários colaboraram no certame, acabando por dar um ar festivo e "diferente". O público correspondeu com uma boa presença.

Estas iniciativas são extremamente louváveis para quem as organiza, acabando por dinamizar um sector muito interessante, já não só para o vinho verde, mas para o turismo local da região.

Falando agora sobre o artigo da Revista Vinhos, apraz-me registar o ênfase dado logo em título quando caracterizam Monção e Melgaço como o "terroir" de Alvarinho, com honras de capa.

O jornalista João Afonso que assina a peça, fez uma resenha dos primórdios da região, até aos dias de hoje, referindo pormenores interessantes, tais como o sucesso que um engarrafamento de 4 pipas de Cêpa Velha de 1938, teve num restaurante da capital nos anos 50; depois foi o alvarinho da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, com o "Deu-la-Deu (uma garrafa com vidro estriada), aparecendo logo depois o Palácio da Brejoeira, onde pontificava esse investigador Amândio Galhano, cujo vinho atravessou fronteiras e era uma referência.

Hoje em dia, são inúmeras as marcas que ostentam nas suas garrafas o denominação de Monção e Melgaço, onde segundo dados da CVR dos Vinhos Verdes, em Monção e Melgaço, trabalham 2300 viticultores, os quais produziram nos últimos três anos uma média de 7,7 milhões de litros de vinho, através de 59 engarrafadores registados. É, interessante registar que o autor do artigo considera a casta alvarinho "indiscutivelmente, uma das grandes

castas brancas do planeta!"

É importante no artigo, a referência que o autor faz ao clima da região, quando avalia os vinhos, em relação ao terreno, pois existe diferenças na orografia: saindo nós de Valença, ao entrarmos para Monção e Melgaço, a altitude vai subindo, com as vinhas de Monção nos 250 metros de altitude, chegando aos 450 em Melgaço. Tudo isto, tem a sua influência em relação à protecção que as vinhas poderão ter com os ventos vindos do Atlântico.

A revista Vinhos, dá destaque à colheita de 2015, considerando a que a vindima teve excelentes condições em temperatura, com dias quentes e noites frescas, oferecendo uvas com equilíbrio perfeito.

Segue-se depois um painel de classificação de vinhos produzidos na região de Monção e Melgaço, sobre os quais este autor não se pronuncia, já que a sua máxima é que "um vinho que eu possa considerar muito bom, pode não o ser para outro enófilo", pois felizmente o gosto de cada um, é diferente. E, estas apreciações, tem como sabemos condicionantes: marcas muito conhecidas do grande público, poderão ser beneficiadas; a falta de algumas referências, etc.etc.

Não queria deixar de referir a importância que a revista "Vinos y Restaurantes", dedica aos brancos da Galiza, com uma interessante entrevista a Juan Gil, presidente da D.O. Rías Baixas, onde ela considera que o êxito "dos vinhos desta região apoiam-se muito na sua versatilidade". A região teve um incremento de mais 15% em relação ao ano anterior, e nessa entrevista Juan Gil, destaca dois aspectos bastante curiosos: a Rota da D.O. das Rias Baixas que teve no ano de 2015, 88.500 visitantes, e as operações de marketing em que participaram 79 empresas da região, em "showrooms", em Genebra, Zurique, México e Nova York, para além da participação em vários salões de vinho no país.

Seria bom que os responsáveis e interessados produtores de "alvarinho" da região de Monção e Melgaço, aprendessem com os seus vizinhos galegos, pois desse modo poderiam ter mais valias para a valorização desta bonita e rica região vinícola.

*António Jorge Tavares
Jornalista*

*(o autor escreve de acordo com
a antiga ortografia)*



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Centro de Apoio ao Doente Oncológico apresentou-se aos melgacenses

Serviços de apoio funcionam em três salas das Termas de Melgaço

Apresentado ao público a 3 de Julho, em cerimónia ocorrida na fonte das Termas de Melgaço, o Centro de Apoio ao Doente Oncológico (CADO) promete ser um 'porto seguro' para os doentes, familiares e cuidadores que se vêm a braços com este diagnóstico.

A cerimónia de apresentação contou com a presença de responsáveis de instituições, clínicas, empresas e entidades que trabalharão em parceria com este centro, sediado no balneário do complexo termal, onde dispõe de três salas para atendimento e envolvente.

Em tom leve, com música ao vivo, tocada e cantada por um grupo voluntário do CADO, a sessão contou ainda com a presença de Marine Antunes, autora do livro "Cancro com Humor", obra que dá título e mote ao seu projecto abrangente que encarou desde 2013 e que se propõe "desdramatizar e subjugar" o problema do cancro.

Nas três salas do balneário termal que servirão de apoio à actividade do CADO, o projecto sem fins lucrativos irá disponibilizar consultas e serviços, em calendário semanal que os utentes poderão acompanhar, visitando o centro ou consultando as plataformas online do centro.

Catarina Malheiro, mentora do projecto a que se juntaram mais nove elementos na orgânica da associação, apresentou uma equipa de técnicos, médicos e especialistas que diariamente ou uma vez por semana estarão disponíveis para consultas gratuitas para o doente.

Um enfermeiro, uma psicóloga clínica, uma médica de clínica geral, uma osteopata, uma técnica de serviço social, uma farmacêutica e uma médica dentista constituem a equipa prestadora dos serviços com que o CADO



arrancou desde o dia 1 de Julho. Este núcleo de técnicos "independentes" compõe-se de "pessoas que colaboram de forma voluntária e individual", frisa Catarina Malheiro.

Além do atendimento especializado, o centro terá ainda alguns artigos próprios para cada doente, desde as próteses para o pós-operatório ou os suplementos hiper-proteicos.

Para apoiar os primeiros passos deste projecto, o centro contou com a colaboração da Câmara Municipal de Melgaço e das Juntas de Freguesia, que promoverão estas valências deste centro junto das suas comunidades.

O serviço, que a mentora considera essencial pela diversidade das especialidades com que apoia-

rão os doentes, familiares e cuidadores, dá já provas da sua missão. "Neste momento já temos doentes referenciados, que nos procuraram e que vão usufruir deste serviço", diz Catarina Malheiro.

O serviço apresenta-se também útil à vizinha comunidade galega, onde foi feita uma apresentação deste centro junto de algumas entidades e instituições, contando já com algumas colaborações e parcerias.

Por cá, segundo a mentora do projecto, algumas associações de referência a nível nacional tem-se mostrado interessadas na colaboração, contribuindo para a afirmação sólida de um centro de apoio que é também privilegiado pelo contexto em que se insere. "Todas as pessoas que tem co-

nhecimento de onde é o centro, que vêm aqui, ficam encantadas com a envolvência. O próprio ambiente, o bem estar proporcionado pelo exterior, faz com que nos sintamos melhor".

De fora, até ao momento, está a Liga Portuguesa Contra o Cancro, que alegadamente não terá dado seguimento às comunicações inicialmente encetadas com vista a eventual parceria. "Iniciamos conversações com a Liga para fazer parte deste projecto. Tivemos uma reunião em Abril, com o Dr. Renato Martins, Coordenador dos Centros de Psico-oncologia da Liga e com o Dr. Manuel Cardoso, Coordenador dos Núcleos Regionais, que nos deixaram uma reunião pré-agendada para o dia 29 de

Junho. Quando se aproximou a data, procuramos confirmar essa marcação, mas não obtivemos qualquer resposta", explicava Catarina Malheiro à altura da inauguração do CADO.

No entanto, esclarece, a porta continuará aberta a possível parceria. "Temos todo o interesse em ser parceiros, porque no fundo a causa é a mesma e acima de tudo está o bem estar do doente oncológico, da família e do cuidador", frisa.

Para fazer parte da associação e beneficiar destes serviços, a joia de inscrição é de 10 euros e 10 euros de quota anual. Um valor simbólico que ajudará a subsistência do centro e dos serviços de que dispõe. "Todos os

Continua na pág. seguinte



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756



Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

MIRACASTRO ALBERGARIA

CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

ALBERGARIA-RESTAURANTE-CAFETARIA

Continuação da pág. anterior

nossos serviços são gratuitos para o doente. Para os doentes não pagarem, temos de ter alguma sustentabilidade", nota Catarina Malheiro.

"Um luxo" de apoios que orgulharia qualquer município

Marine Antunes, na sua segunda vez em Melgaço, apadrinhou o recém-nascido centro e não poupou elogios a um centro de apoios que considerou "um luxo" que gostaria de ter tido ao seu dispor quando, aos 13 anos, teve de enfrentar o seu próprio cancro.

"Aquilo que esta associação vai oferecer é de uma unicidade incrível. Olho para os propósitos desta associação e penso: Quem me dera que no tempo em que estive doente houvesse uma associação no meu concelho que me desse aquilo que esta vai dar", refere, em declarações a este jornal.

Marine, hoje com 26 anos, ajuda os outros a "desconstruir" o monstro que para muitos se afigura. Criou o projecto Cancro com Humor em 2013 e foi através da notoriedade que a sua abordagem alcançou que chegou ao conhecimento de Catarina Malheiro e, conseqüentemente, a Melgaço.

Confessa admiradora da "capacidade de fazer acontecer" que a mentora do novo Centro de Apoio ao Doente Oncológico detém, Marine Antunes conta como começou a jornada da sua própria causa. "Criei este projecto [Cancro com Humor] sozinha. É um projecto pessoal, nasceu comigo e com esta minha vontade, foi uma ideia solitária. Começou com a criação de um blog, mas depois as coisas ganharam uma dimensão

tão grande, que comecei a ser convidada para os programas de televisão e a fazer palestras e comecei a fazer uma data de coisas".

Pelo meio fundou a Associação Cancro com Humor, encerrada em 2014 – por necessidade de uma equipa maior e que precisava de sair da esfera familiar – mas o projecto não parou, concentrado numa pessoa só e na força do estímulo de quem a rodeia. "Quem faz o projecto andar são as pessoas. Sou eu que escrevo e dinamizo as palestras, mas não tenho qualquer outro tipo de apoio", reitera.

Sem nenhuma entidade ou marca a apoiar o projecto (por outro lado, também sem condicionar) Marine Antunes desbravado o seu próprio caminho, apenas apoiada por anónimos que se inspiram na sua visão do problema. O livro "Cancro com Humor" esgotou e aguarda-se para breve nova edição, mas até aí a caminhada foi "muito vagarosa e humilde". A publicação do livro, conseguida através de uma campanha de 'crowdfunding', reuniu apoios das pessoas que se identificavam o que Marine Antunes ia mostrando do seu entendimento de um problema que também fora seu e com o qual aprendeu a lidar com uma boa disposição inabalável. Todo o processo se construiu devagar, em "passos bebés", mas numa evolução que tem "orgulhado muito" a criadora.

Talvez seja por isso a melhor conselheira e madrinha para um projecto que começou agora a dar os seus próprios 'passos bebés'. Para a convidada e mentora de uma série de iniciativas que visam aligeirar a forma como se encara o confronto com a doença, "é uma honra muito grande dar a cara por um projecto como estes", sublinha.

João Martinho

Um Herói chamado Joaquim Mensurado

Um toque de silêncio pela partida do Coronel Joaquim Manuel Trigo Mensurado. As despedidas não são fáceis e mais difíceis se tornam quando assistimos à partida de um Oficial destemido e corajoso, de um Homem Digno e exemplar e de um Cidadão com um comportamento cívico e familiar íntegro e amigo do seu amigo.

Coronel Joaquim M Mensurado detestava todo e qualquer desfile de vaidades. Acreditava no que de melhor tinham os homens e sabia ouvir como ninguém.

Hoje dou a "palavra" a seu filho Rodrigo Mensurado que através das redes sociais, no seu meio restrito de amigos e familiares, partilhou "desabafos" que ilustram bem quem era Joaquim M. Mensurado.

O meu Pai

Regressados da Guiné, fomos viver para a linha do Estoril. Uma decisão dos meus pais que se veio a revelar muito importante na minha vida, e na vida de toda a família. Mas isso é outra história.

Chegamos em pleno PREC (Processo Revolucionário em Curso).

O País estava tomado pelo Partido Comunista, e caminhávamos a passos largos para nos tornarmos em mais uma colónia da URSS.

Os militares regressados da Guerra eram considerados contra revolucionários, e portanto a abater... Literalmente!

Durante o ano de 1974 ingressei finalmente no Colégio Militar.

No início de 1975 estávamos em pleno PREC mas já com muita gente insatisfeita com toda a situação política e com a repressão (agora de esquerda) que todos sofriamos.

Era uma tentativa de desestruturar toda a sociedade tal como a conhecíamos.

Em surdina os militares preparavam um contra golpe militar para depor o regime de então.

As mais altas patentes cozinharam um golpe de estado, que veio a ser conhecido como a intentona do 11 de Março de 1975.

Adivinham quem escolheram para liderar o golpe? Exacto, o meu Pai!!! Um herói de guerra, que sabiam ser capaz de qualquer acção militar em qualquer contexto, sem questionar ordens ou pretexto... condição normal de militar!

E assim foi, com uma ordem superior, ele e uma companhia dos famosos Caçadores Pára-quadistas cercaram... um regimento de blindados, que na altura era o símbolo máximo da revolução do 25 de Abril. A força aérea apoiou e assim ficou cercado um batalhão de forças blindadas, por um punhado de Caçadores Pára-quadistas... a pé!

"Pequeno problema": o golpe foi cancelado por ordens superiores

e os mandantes fugiram do País!

Resultado: o meu pai foi preso, juntamente com os seus superiores directos (coronel Durão incluído, um grande herói de guerra e também seu "chefe" directo), mais uns quantos militares considerados "fascistas" na altura.

Tínhamos portanto o seguinte cenário: os militares que deram 13 anos da vida na guerra em defesa do País, não eram políticos, não tinham nenhuma responsabilidade nas asneiras políticas... Presos!

Mas o melhor, corrijo, o pior, ainda estava para vir!

O meu pai foi preso, levado para a prisão de Caxias (que ainda existe) e colocado numa solitária (cela de 4m2)... Esteve lá 3 meses... num total de 9 meses de prisão.

Eu estava no Colégio Militar, tinha 11 anos, e recebi a notícia com uma perplexidade tal, que nem a compreendi!

Só a compreendi parcialmente no fim de semana seguinte, quando a minha mãe me foi buscar ao colégio para... ir "visitar" o meu pai!

A visita foi mais ou menos assim: ficámos fora do carro numa rua adjacente à prisão, com uns binóculos rudimentares para tentarmos ver... a janela da cela do meu pai...:-

Querem melhores fins de semana do que este, e aqueles que se seguiram? Foram só 12 fins de semana a que tinha direito no colégio, e que passei numa rua próxima do presídio a tentar ver o meu pai.

Escusado será dizer que não se via praticamente nada! Uma janela de 0,5m2, um vulto (que achávamos ser o meu pai) e, é tudo!

Resultado final da intentona: uns quantos heróis de Guerra presos, porque o golpe político falhou... estão a ver melhor recompensa para quem veio de 13 anos de guerra em defesa do País:-

Reza a história que durante o tempo passado no presídio, ele e os seus "comparsas" fizeram a vida negra aos guardas prisionais.

Conseguem imaginar uma prisão cheia de reclusos tipo: oficiais superiores e oficiais generais, heróis de guerra, habituados a situações limite... comandados por guardas prisionais "civis"? deve ter sido um "must"!

A "cereja no topo do bolo" foi uma lista que apareceu nas mãos da minha mãe, em que muitos dos presos de Caxias responsáveis pela intentona, seriam fuzilados na praça de touros do campo pequeno. Como exemplo para todos os outros que se atrevessem a outras iniciativas remotamente parecidas...

Adivinhem que estava na lista? Agora imaginem o efeito na fami-



lia!! Se calhar já são muitas adivinhas... as minhas desculpas...

Felizmente eu tinha apenas 11 anos e uma percepção limitada dos acontecimentos... senão... nunca saberei.

Para "ajudar" as contas bancárias do meu pai, em bom rigor da família, foram todas congeladas, pelo "regime" de então.

Imaginam como conseguiu a minha mãe governar a casa? Eu não! Eu estava a maior parte do tempo no Colégio Militar.

O regime no colégio era: saída sábado às 13 horas, e entrada até às 21 de Domingo. Estava portanto 1 dia e meio por semana em casa. Ou seja, quem verdadeiramente sofria era a minha mãe e os meus irmãos.

O meu pai ficou preso até Dezembro de 1975... 9 meses... como "recompensa pelos serviços prestados à nação!"

Foi solto pouco depois do famoso golpe militar no 25 de Novembro de 1975 liderado pelo Coronel Ramalho Eanes (na altura com apoio alargado).

Ramalho Eanes era e foi um bom amigo do meu pai até ao fim da sua vida!

Recordo-me de ter vindo para casa pouco antes do Natal... foi uma festa imensa. Eu estava de férias, como todos os estudantes na altura, e fiz-lhe mil perguntas... coitado:-

Compreendi pouco, mas tinha um orgulho imenso! Para mim tinha-se tornado num herói ainda maior!

Obrigado a todos os que pacientemente têm lido estes posts e me têm enviado comentários, likes, etc...

Move-me apenas a singular vontade de prestar a devida homenagem a quem tanto devo.

Nos próximos posts, creio poder partilhar contributos dele muito mais alegres...

Este é o melhor e maior testemunho sobre o Coronel Joaquim Mensurado. Obrigado ao Rodrigo Mensurado pela partilha.

Helena Matos









MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros
Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis
Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

Encontro de associações de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora voltou a conviver em Melgaço antes das férias

Pela segunda vez, a União das Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora (concelho de Matosinhos) escolheu Melgaço para reunir a sua extensa comunidade de associações.

Depois da "excelente recepção" com que foram brindados aquando da primeira visita no dia das colectividades, a 31 de Maio, António Mendes, Presidente da União das Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora quis repetir o destino da viagem festiva no dia 16 de Julho, e não faltou a animação e o Alvarinho.

"Melgaço tem o dom de ter um bom vinho, o que também promove o turismo e a própria vila", sublinhava o autarca daquela União. "Como fomos tão bem recebidos, repetimos. Prometemos voltar cá novamente e cá estamos hoje, muito contentes por regressar a Melgaço".

O grupo encheu quase até à lotação um dos restaurantes do centro histórico da vila, mas a proporção não espanta quando se dá nota da abrangência da comunidade que a comitiva representa.

"A União das Freguesias de São Mamede de Infesta e Senhora da Hora é uma mega-freguesia, a maior do concelho de Matosinhos e a sétima do país", sublinhou António Mendes. Consequentemente, as associações são representação substancial deste território. "Sem as nossas colectividades seríamos comunidades mais pobres, por isso temos uma riqueza muito grande, que estimamos", notou ainda.

Em momento antes das férias, a visita a Melgaço preparou da melhor forma os convivas para o descanso. Além da visita ao território, o roteiro passaria ainda por uma quinta de produção de Alvarinho, um dos motivos fortes da visita. Porque a hospitalidade, por si só, não sacia tão bem quanto um copo de Alvarinho apreciado a poucos metros da Adega.

Para o próximo ano – "que é de eleições", como recordou o autarca – o destino desta viagem 'associativa' já está definido. Será entre o centro histórico e os vinhedos da uva alvarinha melgacense e o grupo parece não se ressentir nem queixar pela repetição do destino turístico.

João Martinho



Excelente propriedade composta por moradia v4 com 200m2 e terrenos de cultivo pinhal e mato com 10.000m2.
Messegães, Monção.

[Sob Consulta] M019/2016



Estabelecimento comercial composto por 3 frações para comércio, duas com 84m2 e uma com 46m2. Encontram-se arrendadas e podem ser vendidas em separado. Excelente localização.
Vila e Roussas, Melgaço

[120.000€] M048/2012



Moradia de dois pavimentos, com uma área de 72m2, com anexo de 28m2, e rossios com 130m2 necessita de intervenção de reabilitação.
Cristóval, Melgaço

[27.500€] M042/2014



Moradia V4 de r/c e andar mobilada e equipada, possui terraço, garagem com capacidade para 4 carros, compartimentos amplos. Excelente localização, moradia com três frentes.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M023/2016



Parcela de terreno para construção com cerca de 1000m2. Bons acessos e bem localizado.
S. Paio, Melgaço

[Sob Consulta] M057/2013



Apartamento T3 nas Carvalhiças. Cozinha equipada, apartamento com pré instalação de aquecimento a gás, amplo, bem localizado, com arrecadação, com garagem (Box). A área total é de 150m2.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M045/2014



Excelente moradia V4, com garagem, adega, canastro, churrasqueira. Vende juntamente com terreno de cultivo de 500m2, com água de poço.
Chaviães e Paços, Melgaço

[Sob Consulta] M009/2016



Apartamento T3, novo, na Vila de Melgaço. 2º andar com 3 frentes. Cozinha equipada e quartos mobilados. Suite com vestiário, garagem fechada, elevador, excelentes áreas e boa localização.
Vila e Roussas, Melgaço

[Sob Consulta] M031/2014



Informática
-Websites
-Software de gestão
-Aplicações móveis

Contabilidade
Administração de Condomínios
Imobiliária



Convívio de ex-militares Comandos visitou Melgaço e homenageou os '40 Conjurados' da revolução de 1640

No dia 16 de Julho, um grupo de ex-militares das tropas Comandos e respectivos familiares escolheram Melgaço para levar a efeito um dos habituais encontros que a cada ano vão permitindo rever e conviver com antigos camaradas de causa nos mais diversos pontos do país.

Marcaram presença alguns veteranos, mas também os militares mais novos quiseram marcar presença num convívio em que o mote é juntar todos aqueles que ostentam o Escudo das Armas Nacionais, o punhal e o ramo de louro em tons de ouro sobre o vermelho púrpura da boina obrigatória durante o serviço militar.

Em Melgaço, a visita contou com um programa quevistou alguns dos ex-libris do concelho. Das termas ao Alvarinho e ao património cheio de significados, o roteiro foi organizado por alguns dos aguerridos representantes das topas Comando, naturais ou conhecedores da realidade melgacense. Armandino Domingues, Júlio Domingues e Almiro Correia encabeçaram a organização de um convívio que juntou mais de duas dezenas de convivas que percorreram alguns pontos da vila melgacense.

As Termas de Melgaço foram o ponto de partida para uma jornada que incluiu visita à adega Castaboa, do produtor Maximiano Fernandes, com prova de vinhos, e ainda uma visita/homenagem ao cruzeiro situado junto à capela de Nossa Senhora da Orada, monumento que recorda os homens (40) que em 1640 perpetraram o golpe de Estado que restituiria a independência da governação à nação portuguesa, que estava submissa à dinastia filipina castelhana desde a crise dinástica resultante do desaparecimento do Rei D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir.

Junto ao monumento simbólico, Comandos e familiares presenciaram a solenidade da leitura do Código Comando. Findo o programa de visitas e homenagens, o grupo deslocou-se ao centro da vila melgacense, onde almoçou, no restaurante Lanterna, e visitou os espaços do centro histórico.

Armandino Domingues, ex-militar Comando, tropa de elite que integrou e com a qual combateu em Moçambique de 1966 a 1968 e na Guiné entre 1971 e 1973, destacava a alegria de rever amigos e camaradas. O reen-



contro, pela segunda vez em Melgaço, repete a cada edição "o sentimento do espírito de grupo, coesão, unidade, como era há quarenta anos".

"É importante manter este espírito quando este país cada vez mais precisa de gente com espírito guerreiro, com capacidade para dar a volta às situações e continuar a lutar", reforça o ex-comando, que admite continuar a rever-se no espírito do curso de hoje, a funcionar no Centro de Tropas Comandos, na Carregueira.

João Martinho





MAJOTEC

Construções Técnicas Lda

- * Caldeiras a Pellets
- * Aquecimento Central
- * Ar Condicionado
- * Energia Solar
- * Aspiração Central
- * Artigos Sanitários
- * Electrodomésticos
- * Fogões a Lenha
- * Bombas de Calor
- * Piscinas
- * Sistemas de rega para vinha e jardins



Reduza os seus custos
PRODUZA A SUA PRÓPRIA ENERGIA

Autoconsumo Residencial



Caldeira a Pellets



Fogão a Lenha



Recuperador de Calor

Urb. Quinta do Peixe Frio
Loja 18
4950 - 401 Monção

Tlf: 251 653 508
Tlm: 966 503 669
969 024 741

www.majotec.com

Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia - Polónia



O final do mês de Julho fica marcado por um acontecimento de excepcional relevância, não apenas para os católicos, mas para todo o mundo, uma vez que os jovens, a melhor garantia do amanhã dos povos, se reúnem em grande número e são estimulados a viverem intensamente a sua fé, a testemunhá-la com alegria e a serem coerentes com ela nas atitudes de cada dia.

Transformando positivamente os jovens, estaremos a lançar sementes de verdadeira renovação da sociedade, que tão carecida está de quem viva coerentemente os valores do evangelho.

A visita solitária e silenciosa do Papa Francisco aos campos de concentração nazi, pedindo a Deus perdão por tanta maldade praticada pelos homens, é um fortíssimo alerta para não cairmos em totalitarismos de sinal contrário, que bem podem estar na origem de muitos dos atos terroristas que se vão sucedendo por todo o lado e também na Europa. Nós somos mais sensíveis aos atentados na Europa, porque nos dizem diretamente respeito, mas nós não somos o mundo todo. É preciso alargar os horizontes e não termos medo de tomar decisões difíceis, como possa ser o acolhimento aos refugiados que nos procuram desesperadamente.

Semear o bem e incitar a uma vida ungiada pela misericórdia e a ternura para com os outros é o que se espera de todas as grandes realizações da Igreja e sobretudo desta.

“Memorial do Cemitério de Monte D’Arcos de Braga - Arte Tumular e seus Eméritos”

Foi apresentado no passado dia 1 de Julho, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Braga, o livro “Memorial do Cemitério de Monte D’Arcos de Braga - Arte Tumular e seus Eméritos”, da autoria da Dra. Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de Castro. Teve como mote o 146.º aniversário do ‘Campo Sagrado’ Bracarense. É uma edição da Camara Municipal de Braga, a cores, com 705 páginas, e muitas imagens que engrandecem o livro, sendo uma edição luxuosa, quer pelas suas fotografias de altíssima qualidade, da autoria de Pedro Lucas, Carlos Lucas e Lourenço de Almada, quer pelo seu texto que revela muita e boa investigação.

O prefácio é da autoria do Exmo. Reverendíssimo Sr. Arcebispo de Braga – Dom Jorge Ortiga, com uma nota introdutória

do Dr. Ricardo Rio (Presidente da Camara Municipal de Braga).

Dra. Alexandra Maria Ferreira Braga de Sousa Louro Pereira de Castro é também autora do livro “História e genealogia Familiar: Famílias Convergentes do Visconde de Vila Nova de Famalicão”, editado em 2012. Para além disso, é Académica Correspondente na classe de Letras na Academia de Letras e Artes de Portugal, para além de membro da Associação de Nobreza Histórica de Portugal, também da Academia Portuguesa de Ex-libris bem como da Associação Portuguesa de Genealogia.

É casada com o ilustre advogado de origem Melgacense, Dr. Artur Anselmo Pereira de Castro, autor do posfácio do livro. Vive actualmente em Santa Lucrecia de Algeriz, nos arredores da Cidade de Braga.

O livro abre com um belo poema de Pedro Homem de Melo, escrito no seu Mosteiro de São João de Cabanas, em Afife (que foi sua residência), intitulado “Cemitério”, e fecha com outro magnífico poema do mesmo autor – “Não choreis os Mortos”.

Esta obra, que é pioneira em Portugal, pois até ao momento é o primeiro livro editado em Portugal que se dedica ao estudo e divulgação da arte Cemiterial, que, como a autora afirma e muito bem: “Os cemitérios são espaços de devoção e oração, de cultura e de história familiar, patrimonial e artística, onde se podem encontrar verdadeiras

obras de arte”, sendo autênticos museus ao ar livre.

É um livro de trabalho, ou seja, é um excelente suporte para os Historiadores, Genealogistas e investigadores que se dedicam ao estudo da Cidade de Braga, das suas gentes e não só. Amar uma cidade, é necessariamente encantar-se por ela e deixar-se enamorar pela sua história, e como a história não se faz sem pessoas, também é necessário focar o nosso olhar nas sociabilidades, na sociedade de cada tempo, pois só assim conseguiremos um maior e mais perfeito conhecimento da nossa herança coletiva, a que chamamos Património.

O livro faz referência a pessoas ilustres conhecidas, mas também dá relevo a figuras cujo tempo fez cair no pó do esquecimento. Temos casos como o grande escultor João Evangelista de Araújo Vieira, autor de diversas obras, entre as quais salientamos três – Imagem de Nossa Senhora-a-Branca, imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Igreja do Pópulo, ou ainda o magnífico Cristo, da Igreja de Santa Maria Madalena da Falperra, a que a autora faz referência nas páginas 317 a 319. Também a grande poetisa bracarense, Maria Ondina Braga, tem o seu destaque na página 411. Ou ainda, se quisermos saber mais sobre o túmulo dos Arcebispos de Braga, podemos consultar as páginas 522 a 529.

Continua na pág. seguinte

VENDE-SE

Apartamento T4, com quintal, em Viana do Castelo, zona da Senhora da Agonia. Bom investimento para alugar a estudantes, com ou sem mobília.

89.500 euros

Tlm 939 449 182

SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676



Dra. Alexandra agradecendo as referências elogiosas feitas à obra que acabava de ser apresentada. Na foto, podem ver-se ainda o Vice-Presidente e Presidente da Câmara de Braga que também se referiram à obra que a autarquia apoiou e cujos custos assumiu, e o Arcebispo D. Jorge que, para a mesma, escreveu o prefácio e sobre ela teceu considerações na solene apresentação no Salão Nobre da Câmara Municipal de Braga.

Continuação da pág. anterior

Também não podemos esquecer a obra do mestre Emídio Carlos Amatucci, filho do artista italiano Carlo Amatucci, que foi um dos maiores estatuários de cariz funerário do século XIX. É autor também da primitiva escultura de mármore de Nossa Senhora do Sameiro.

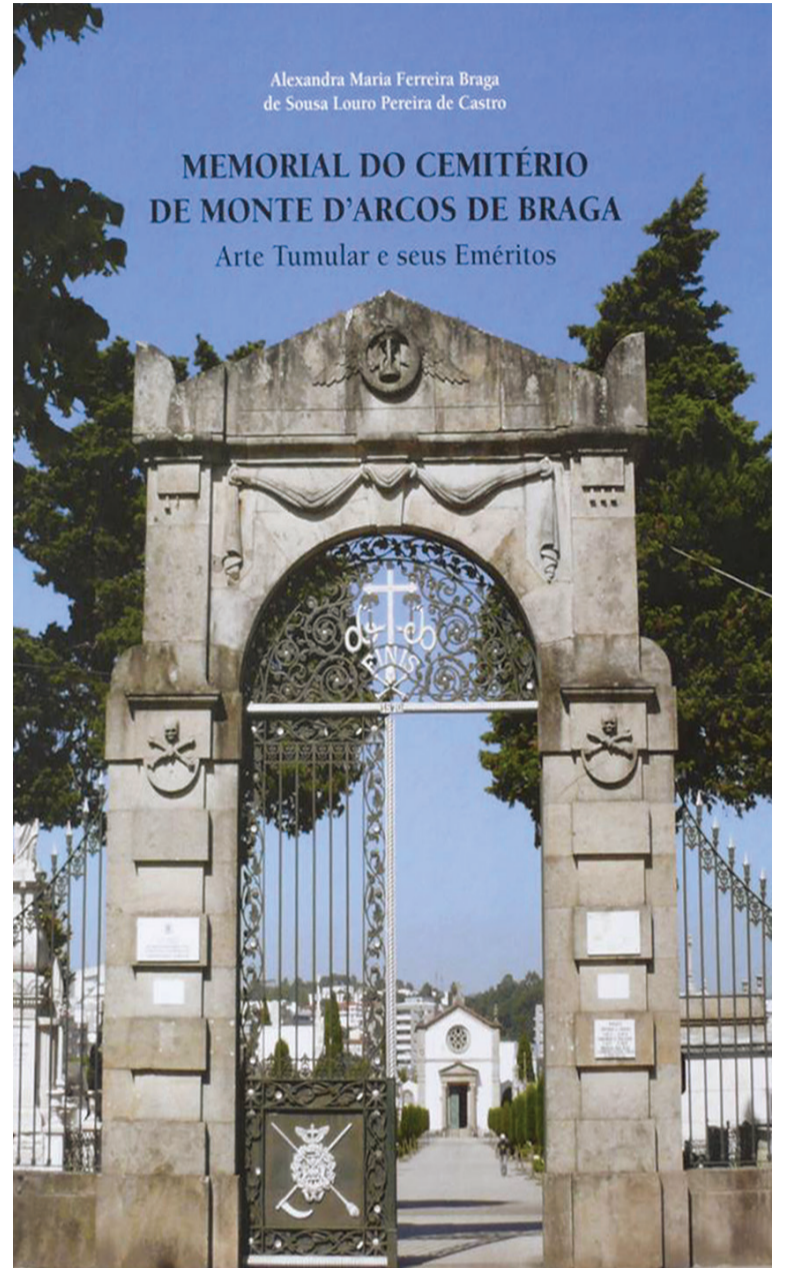
Emídio Amatucci tinha a sua oficina na Rua de Santa Catarina

e faleceu em Braga, quando veio assentar um túmulo no cemitério mencionado, no ano de 1872. Inspirou outros artistas portugueses na estatuária fúnebre, como sejam: os irmãos Oliveira Ferreira, Teixeira Lopes, ou ainda Soares dos Reis, todos eles com obra no Cemitério Bracarense que, em grande parte, é um cemitério do período romântico, inspirado por um ar revivalista, que mais não é do que um reviver estilos pas-

sados, como: o gótico, o barroco, o rococó, etc. e do qual existem diversas fotografias de algumas destas obras no anexo fotográfico da parte final do livro.

Parabéns à autora e a todos os que colaboraram para que este livro fosse possível e que possa servir de modelo para que outros possam surgir sobre os muitos cemitérios artísticos que temos no nosso País.

Leonardo Pereira Rodrigues



PIZZARIA
Dy Michelys
RESTAURANTE

**PROCURA COLABORADOR(A)
A TEMPO INTEIRO**
Tempo indeterminado
URGENTE
Contactar: **965 584 853**

INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!

T. 251 403 058 Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

AGRADECIMENTOS

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/08/2016

A cargo da Conservadora, em funções notariais, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 28 de julho de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas nove e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **MANUEL MARQUES**, NIF 182 208 907, e mulher **LUCINDA DA SILVEIRA ALVES**, NIF 182 540 286, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Lourenços, ela da freguesia de Chapa, concelho de Amarante, titulares dos bilhetes de identidade respetivamente números 2846432 e 3519665, ambos emitidos em 18/01/2008, pelo MNE em Paris, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos e legítimos possuidores** com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis:

Prédio rústico, denominado "Leira da Fonte Regueira", sito no lugar de Lourenços, da freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto de terreno de lameiro, com a área de novecentos e oitenta metros quadrados, a confrontar a norte com ribeiro, sul António José Meixeiro, nascente Albano Domingues Casal e poente com Maria das Dores Rodrigues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **4722**, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **160,14 euros e atribuído de 170,00 euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome de Teresa de Jesus Alves Salgueira.

Que o mencionado prédio veio à sua posse, em data que não podem já precisar mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, quando, Teresa de Jesus Alves Salgueira, viúva, residente na Rua Irmãos Roby n.º 193, 6º Dto, freguesia de Maximinos, concelho de Braga, lho ajustou vender, não tendo, contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimentos como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, utilizando-o na pastorícia do gado, suportando as despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 28 de julho de 2016.
A Conservadora, em funções notariais,
Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/08/2016

A cargo da Conservadora, em funções notariais, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 28 de julho de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas sete e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **ANTÓNIO JOSÉ RODRIGUES**, NIF 169 502 058 e mulher **ÁUREA DA CONCEIÇÃO GONÇALVES**, NIF 169 502 040, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Paços, ela da freguesia de Castro Laboreiro, residentes no lugar de Riba do Souto, da união de freguesias de Vila e Roussas, deste mesmo concelho, titulares dos cartões de cidadão respetivamente números, 10533199 6ZZ0, válido até 21/04/2021 e 03964984 9ZZ9, válido até 10/10/2018, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos e legítimos possuidores** com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis:

Um - Prédio rústico, denominado "Lavandeira" sito no lugar de Sá, da união de freguesias de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, composto de terreno de mato, com a área de cento e vinte metros quadrados, a confrontar a norte com rio, sul Luís Gomes, nascente José

Continua na pag. seguinte

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Alzira Augusta Domingues

Fiães | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Teresa de Almeida

Vila - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Carlos Domingues

Penso - Melgaço | 65 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Emília de Jesus Fernandes

Alvaredo - Melgaço | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria dos Prazeres Esteves

S. Paio

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CENTRO FUNERÁRIO ALTO MINHO

Preciosa Esteves

Pereira - U.F. P.Monte/Cubalhão | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Ermezinda Domingues

Ameijoeira - C.Laboreiro | 83 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Joaquina Domingues

Coriscada - C.Laboreiro | 95 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Pureza de Jesus Alves

Viladraque - Paços

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Conceição Domingues

Candosa - Fiães | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Os nossos amigos

Durante este período forte de férias é ótima ocasião para pôr a assinatura em dia. Felizmente, muitos emigrantes têm esse cuidado de deixar o ano seguinte já pago. Obrigado sincero a todos os que assim procedem.

Permitam-nos que destaquemos alguns prezados assinantes que nos mimosaram com a generosidade do seu donativo: **Maria Rosa Pacheco Ranhada, do Brasil pagando com amiga até 2019. O mesmo fez o Manuel Paralvas Vilas Bosas, de Vila do Conde, D. Maria Júlia Machado, de Braga, pagou já 2017. O mesmo fez o advogado Manuel Luis Gonçalves, de Lisboa, juntando estas palavras: «Aproveito para enaltecer e incentivar o bom serviço prestado pelo V/ Jornal na divulgação do nosso concelho».**

José Maria Machado, de Oeiras, pagou já 2017. Alberto Francisco Reis, de Loulé, adiantou já o ano de 2018. Também 2018, como amiga, pagou Ana Gonçalves Louro, nossa conterrânea de Paderne, a trabalhar em França e que no final de 2017 quer vir para a terra natal. É muito requisitada para acompanhar doentes que sofrem de alzheimer. Se pudesse, trabalhada 24 horas por dia em apoio solicitado.

Maria Rosa Ferreira, de Cascais, pagou já 2018. Maria Madalena dos Santos, de Torres Vedras, pagou já 2017. Teixeira Maria, de Vendenhein, França pagou já 2019.

Que estes exemplos possam incentivar os que habitualmente se atrasam a serem pelo menos pontuais.

Mendes e poente com Ana Rodrigues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1398, o qual corresponde ao artigo 666 da freguesia de Paços (extinta), com o valor patrimonial tributário de **0,59 euros** e o valor atribuído de **50,00 euros**.

Dois – Prédio rústico, denominado "Melo", sito no lugar de Sá, freguesia de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, composto de terreno de mato, com a área de dez metros quadrados, a confrontar a norte e poente com Maria Júlia Esteves, sul caminho, nascente José Ferreira, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1968, o qual corresponde ao artigo 974 da freguesia de Paços (extinta), com o valor patrimonial tributário de **0,14 euros** e o valor atribuído de **50,00 euros**.

Que os referidos prédios **não se encontram descritos** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontram-se inscritos na respectiva matriz em nome da herança de Júlia Rosa Rodrigues.

Que os mencionados prédios vieram à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e nove, quando, com os demais interessados, procedeu à partilha dos bens deixados por óbito de seus pais, Vitorino José Rodrigues e Júlia Rosa Rodrigues, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública e partilha.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse dos referidos prédios, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando o de cultivo, recolhendo os seus frutos e no segundo cortando e roçando o mato, suportando as despesas de fruição em relação a ambos.

Que tendo exercido sobre os indicados prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribuem** a este ato o valor de **cem euros**.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 28 de julho de 2016.

A Conservadora, em funções notariais,
Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Notariado Português
**CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/08/2016

A cargo da Conservadora, em funções notariais, **Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 28 de julho de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas cinco e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **JOSÉ MANUEL RODRIGUES**, NIF

137 059 612 e mulher **DUARTINA AUGUSTA DOMINGUES RODRIGUES**, NIF 137 059 604, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Paços, ela da freguesia de Fiães, onde residem no lugar de Adavelha, titulares respetivamente dos cartões números 05743450 6ZX0, válido até 21/07/2020 e 03813981 2ZZ6, válido até 23/10/2019, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos e legítimos possuidores** com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "Ladela ou Chão", sito no lugar de Sá, da união de freguesia de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura arvenses de regadio e duas laranjeiras, com a área de quinhentos e trinta metros quadrados, a confrontar a norte com Tomaz Amorim, sul caminho, nascente Maria Conceição Rodrigues e poente com José Júlio Lopes, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 403, o qual corresponde ao artigo 154 da freguesia de Paços (extinta), com o valor patrimonial tributário de **119,86 euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da herança de Júlia Rosa Rodrigues.

Que o mencionado prédio veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e nove, quando, com os demais interessados, procedeu à partilha dos bens deixados por óbito de seu pai, Vitorino José Rodrigues e Júlia Rosa Rodrigues, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública e partilha.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 28 de julho de 2016.

A Conservadora, em funções notariais,
Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Notariado Português
**CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/08/2016

A cargo da Conservadora, em funções notariais, **Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 29 de julho de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas onze e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **JORGE MANUEL CORDEIRO**, NIF 169 531 333, e mulher **MARIA ADELAIDE DOMINGUES**, NIF 169 531 392, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Vila, ela da freguesia de Roussas, residentes no lugar de Cavaleiros, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, deste mesmo concelho, titulares respetivamente, do bilhete de identidade número 3505974 de 01/08/2006, emitido pelos S.I.C. em Viana do Castelo e do cartão de cidadão número 09422210 0ZZ7, válido até 09/05/2021, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos e legítimos possuidores** com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

Prédio urbano, sito no lugar de Cavaleiros, união de freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, composto de casa de morada de rés-do-chão, primeiro andar e sótão com a área de cento e três vírgula quarenta e um metros quadrados e rossios com a área de cento e noventa e seis vírgula cinquenta e nove metros quadrados, a confrontar a norte com José Domingues; sul, nascente e poente com Jorge Manuel Cordeiro, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 6065, o qual corresponde ao artigo 575 da freguesia de Roussas (extinta), com o valor patrimonial tributário de **57.900,00 euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante.

Que o mencionado prédio veio à sua posse, já no estado de casados, ainda como prédio rústico, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta, quando, Maria José Domingues, solteira, maior, lho ajustou doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, começando por nele depositar os mais diversos materiais de construção, edificando o imóvel e habitando-o, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

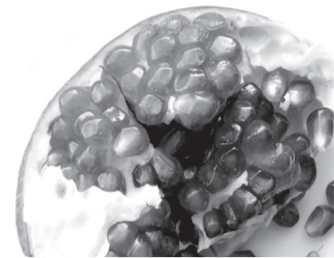
Que tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.
Cartório Notarial de Melgaço, 29 de julho de 2016.

A Conservadora, em funções notariais,
Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

Uso da romã é consagrado cientificamente



A romã, o fruto da romãzeira, é arredondado de cor laranja ou avermelhado, com sementes pequenas de aspeto gelatinoso e cor vermelha. As flores dessa planta são de cor vermelho-alaranjado e crescem em grupos de três ou quatro.

É um fruto milenar, pois existem registos de restos deste fruto em túmulos egípcios com mais de quatro milénios. A romã é citada na literatura egípcia e hebraica e por William Shakespeare, na obra Romeu e Julieta. Os gregos consideravam-na como símbolo de amor e fecundidade e a árvore das romãs foi consagrada à deusa Afrodite, pois acreditava-se que ela tinha virtudes afrodisíacas. Para os israelitas, a romã é símbolo religioso de profundo significado.

As capacidades medicinais do fruto já eram conhecidas desde a antiguidade. Até há bem pouco tempo, estas propriedades importantes, só eram conhecidas por interessados em mitologia ou medicina chinesa antiga. Hoje sabe-se que a romã é um fruto antioxidante, mineralizante e refrescante.

Pesquisas das Universidades de Harvard e de Wisconsin-Madison nos Estados Unidos mostraram que a romã tem uma quantidade surpreendente de antioxidantes.

Dr. Michael Aviram utiliza o sumo da romã para combater colesterol e problemas cardíacos no Lipid Research Laboratory, do Rambam Medical Center em Israel. Nos últimos vinte anos este bioquímico fez pesquisa sobre formas de evitar ou eliminar depósitos de colesterol nas artérias, provocadoras de distúrbios cardíacos e enfarte do miocárdio. Ao procurar alternativas naturais, o cientista testou vinte produtos diferentes da romã. Descobriu no sumo da romã poderoso antioxidante, um tipo flavonoide mais eficiente na prevenção de problemas cardíacos do que o existente no tomate e no vinho tinto.

Segundo registos do antigo herbário chinês, o sumo de romã aumenta a longevidade. Um novo estudo do instituto suíço EPFL, noticiado em finais de julho, confirma que há razão para isso, pois há certas bactérias no nosso intestino que, quando entram em contacto com uma molécula presente na romã, fazem com que as células musculares se protejam contra o envelhecimento. Esta investigação foca-se nas mitocôndrias das células que têm um papel essencial na manutenção da energia celular. À medida que envelhecemos, as células do nosso organismo têm cada vez mais dificuldade em renovar as mitocôndrias, fazendo que estas se degradem, afetando a saúde de muitos tecidos, incluindo os músculos, que enfraquecem gradualmente ao longo dos anos. Suspeita-se mesmo que uma acumulação de mitocôndrias disfuncionais leva ao desenvolvimento de doenças do envelhecimento como o Parkinson.

Neste estudo foi identificada na romã uma molécula que, por si só, consegue restabelecer a capacidade de renovar as mitocôndrias defeituosas: a molécula urolithin A. É a única molécula conhecida que consegue renovar o processo de limpeza mitocondrial, sendo uma substância completamente natural com um efeito poderoso, como afirma Patrick Aebischer, coautor do estudo.

Considerado um poderoso afrodisíaco, já que as últimas pesquisas de Harvard atestaram o aumento da potência sexual de quem consumia o seu sumo com regularidade, isto porque melhora a vascularização, ou seja, irriga melhor os órgãos sexuais. Os fitoquímicos (ácido fenólico e elágico) presentes em grande quantidade na fruta também estimulam a libido. Homens e mulheres, entre 21 e 64 anos, apresentaram um aumento de até 60% nos níveis de testosterona durante o período que tomaram o sumo concentrado de romã, segundo um estudo da Queen Margaret University, em Edimburgo, na Escócia. A mesma pesquisa revelou mais benefícios do fruto: melhora o humor e a memória, além de aliviar o stresse.

A romã para além de ser comida de forma natural é utilizada para fazer sumos, chás e até como ingrediente em alguns molhos.

O chá feito com as folhas e flores é muito usado pelos seus benefícios em problemas de estômago e infeções do trato urinário. As Infusões da casca da romã e de flores da planta ajudam a melhorar os sintomas de diarreia. Por ser muito rica em vitaminas A, B, C e ácido fólico também ajuda a aumentar as defesas do organismo, a melhorar a circulação sanguínea e a prevenir o envelhecimento, permitindo que a pele se mantenha forte e hidratada. As infusões feitas com a romã ajudam também a curar aftas e outras infeções da boca e do aparelho gastrointestinal.

A romãzeira também produz bons resultados no caso de leucorreias (corrimentos vaginais), sendo aconselhado para este fim os banhos de assento com infusão da casca.

Teresa Tábuas

José Milhazes, um minhoto perseguido em Portugal, chegou a dirigir a cidade russa de São Petersburgo

O nome dispensa apresentações extensas.

José Milhazes é jornalista, historiador e o incontornável "correspondente em Moscovo" de vários meios de comunicação portugueses que acompanhavam pelo seu olhar as transformações que a Rússia sofreu, sobretudo na última década do século XX.

Há pouco mais de um ano, lançou o livro "O Favorito Português de Pedro O Grande", uma obra que destacamos nestas páginas, não pelas capacidades de escrita do autor (embora não duvidemos delas), mas pelas origens do misterioso "favorito" de Pedro O Grande, António Manuel Luís de Vieira, um minhoto que conquistou a sua parte do "Império".

A obra apresenta-se, em síntese, desta forma:

«Não devem ter sido muitos os portugueses que deixaram um rasto tão forte na história de países estrangeiros como o que António Manuel Luís de Vieira e alguns dos seus descendentes conseguiram nos destinos da Rússia. Apesar da sua modesta origem social e de ter contra si o facto de ser um judeu de origem portuguesa, conseguiu uma carreira brilhante no Império Russo».

Sabe-se pouco das suas origens, apenas que teve de fugir de Portugal e que viria a morrer em S. Petersburgo em 1745, mas

o ideal será o leitor fazer como geralmente se recomenda aos filmes, não pesquisar muito sobre a vida deste proeminente minhoto e deixar-se levar pela história e trabalho de pesquisa de José Milhazes, já que o historiador traça a vida e obra de António Manuel Luís de Vieira e ainda a descendência até aos dias de hoje.

A este propósito, e sem desvendar muito o mistério em torno de António de Vieira, colocamos algumas questões ao autor sobre as origens, as conquistas e até um entendimento do que a personalidade estudada teria do mundo de hoje, à luz dos últimos acontecimentos que, curiosamente colocaram recentemente um português e um russo na lista de tópicos quentes das discussões políticas.

A Voz de Melgaço (AVM) – Em linhas gerais, quem foi António Manuel Luís de Vieira, este homem tão poderoso ou com tanta influência o meio político da Rússia no início do século XVIII?

José Milhazes (JM) – António Vieira foi um daqueles que assessorou o czar Pedro O Grande na modernização da Rússia. Dotada de grandes capacidades intelectuais e organizativas, dirigiu a cidade de São Petersburgo, foi um militar corajoso e um homem impermeável à corrupção.

AVM – Tal como faz referência na obra, António Vieira era de origens modestas, um judeu de origens minhotas. O que se sabe destas origens?



JM – Pouco se sabe das suas origens, mas é um facto de que nasceu no Minho e teve de sair de Portugal com os pais devido às perseguições religiosas.

AVM – No processo de pesquisa para este livro, certamente ficou a "conhecer" bem esta figura importante da sociedade russa. Que diria ele da Rússia de hoje e da relação deste país com o mundo?

JM – Ficaria muito espantado com o nível de corrupção na Rússia e no seu país de origem. Talvez fosse adepto de uma política externa menos agressiva e mais inteligente do que a realizada pelo Presidente Putin.

AVM – Certamente, este não era um português que venderia os segredos do seu país de origem e à altura, Portugal teria segredos mais valiosos...

JM – Acho que os não venderia. António Vieira era uma pessoa bastante íntegra e tentaram comprá-lo, mas não conseguiram.



AVM – Enquanto profundo conhecedor da situação russa, o mundo deve temer esta Rússia que parece ser uma ameaça latente, ou é apenas um bluff para evitar o escrutínio do 'mundo' ocidental?

JM – Devemos estar muito atentos à política dos actuais dirigentes russos, pois é uma ameaça real, embora muitas das declarações por eles pronunciadas sejam bluff.

AVM – Ainda em relação ao livro "O Favorito Português de Pedro O Grande", fez alguma apresentação no Minho?

JM – Lancei esse livro em Lisboa e Póvoa de Varzim, minha terra-natal, mas estaria disposto a ir falar dele a qualquer outro local.

AVM – Para terminar, entre muitas outras funções, é comentador de um jornal 'nascido' e criado para as plataformas online. Que ideia tem do que será o futuro dos jornais em papel, em particular os de âmbito regional ou local?



JM – É muito difícil fazer previsões num momento em que o desenvolvimento tecnológico e científico é tão rápido, mas penso que o futuro dos jornais, bem como de todos os restantes órgãos de informação, passa pelo online, por uma forte intercomunicação com o leitor. Parece-me que os futuros órgãos de informação irão ser híbridos, misturando cada vez mais escrita, som e imagem.

Melgaço quer fortalecer aposta no património natural Projecto turístico planeia ciclovia desde o marco nº1 em Cevide até Monção

Prestes a finalizar uma 'bateria' de projectos, prontos para submeter a candidatura já no final de Setembro, o município melgacense quer reforçar a qualidade das estruturas condições naturais para o turismo de natureza.

Em projecto está a criação de uma ciclovia desde o marco nº1, em Cevide, até ao limite territorial com o vizinho concelho de Monção. A complementar esta oferta, a autarquia pretende ligar em rede os trilhos existentes no concelho, criando "uma malha de trilhos que se articule com a

ciclovia e permita a fruição de quem faz passeios a pé ou desportos de montanha", explicou o autarca de Melgaço, Manoel Batista.

No que à requalificação de espaços diz respeito, a autarquia quer ainda revitalizar o Parque de Campismo de Lamas de Mouro, actualmente a ser explorada pela empresa de animação turística Montes de Laboreiro. "[O Parque] tem cerca de 30 anos, está obsoleto. Estamos a fazer um projecto de revitalização integral", revela o autarca.

Com projectos da montanha à ribeira, Castro Laboreiro não fica fora desta lista de projectos, com arranjos programados para o património no trajecto desde a zona de lazer das Veigas até à vila e junto à zona ribeirinha do Laboreiro entre o centro da vila e as Veigas.

Para potenciar o investimento no território, a autarquia tem duas equipas a trabalhar o plano estratégico para a construção de um plano pensado "com gente da casa e de fora dela, de forma séria, duradoura e sustentável".

João Martinho



'Verão em Castro' em programa de fim-de-semana

Conhecer o território entre um copo de licor e uma fornada de pão



Castro Laboreiro foi ao baú das tradições e daquilo que de melhor possui e preparou-se para receber visitas. A turística localidade melgacense tem por hábito receber turistas, mas a iniciativa 'Verão em Castro' levou um propósito diferente ao grupo turista que nos dias 9 e 10 de Julho quis conhecer a vila de Castro Laboreiro. A iniciativa partiu de Sónia Nogueira, administradora da página Facebook "Turismo Parque Nacional Peneda-Gerês: stakeholders, redes e relacionamento", doutorada em Marketing com especialização na vertente do Marketing de Turismo em espaços naturais.

A sua "paixão grande" pelo Parque Nacional já motivou inúmeras visitas a Castro Laboreiro desde a infância e até a sua tese de mestrado, intitulada 'Stakeholders, Redes e Qualidade do Relacionamento no Turismo do Parque Nacional Peneda-Gerês' entretanto publicada em livro em Outubro de 2015.

Um grupo de cerca de cinquenta pessoas rumou a Castro Laboreiro propondo-se "à descoberta dos costumes e do património da vila melgacense" e durante dois dias provaram, viram como se faz e se geram os melhores sabores e aromas da montanha.

Na sessão de abertura que marcou o arranque do evento marcaram presença os representantes dos vários patrocinadores e entidades envolvidas nesta acção, nomeadamente o presidente da União de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, Alfredo Domingues; o Comando da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, Gaspar Caldas; Carlos Oliveira, da gerência do Hotel Castrum Villae e Marina Carvalho, da empresa de animação turística Elos da Montanha.

O programa de fim de semana incluía uma caminhada solidária com os Bombeiros Voluntários de Melgaço e dos Bombeiros Tirsenses. Além da vertente solidária, a agenda incluía muito da tipicidade castreja, como o acompanhamento do Ciclo do Pão – desde a preparação da massa à colocação no forno e, obviamente, à degustação – ao workshop de licros caseiros, mas também a visita aos espaços históricos e museus onde história da vida castreja de outros tempos se evidencia.

O grupo criado nas redes sociais há cerca de um ano conta já com mais de dez mil seguidores e é um dos motores do projecto de Sónia Nogueira, natural de Vila



Nova de Famalicão, que tem promovido de forma diferente o PNPG e Castro Laboreiro em particular. Apresentou nesta vila o livro da sua tese de doutoramento, que não quis que fosse uma cerimónia de gente sentada. Em vez disso, chamou um grupo de turistas a conhecer o meio de que a obra também fala em programa de fim-de-semana com caminhadas e conhecimento da envolvente.

"A ideia é levar as pessoas a conhecerem. Com as caminhadas, com o recuperar as tradições locais, incentivar as várias entidades a estabelecerem acordos entre si. No fundo foi a base de todo o livro da tese de doutoramento e houve evidências de que, quanto mais cooperação houver, todos ganham e o turista também vai ganhar com isso",

referia Sónia Nogueira, notando no entanto que "há ainda muito trabalho a ser desenvolvido" no espírito associativo dos organismos e agentes locais.

"Já há alguma colaboração, entre Câmaras, Juntas e algumas entidades promotoras do turismo, como a ADERE – Peneda Gerês, mas com o próprio Parque Nacional não, existe muito distanciamento. Preocupam-se mais com a vertente mais natural e de preservação, portanto esta área do turismo não é uma das preocupações centrais deles", nota.

Nesta iniciativa que durante dois dias fez mexer a comunidade e as tradições, reactivando o forno comunitário, revitalizando o mercado dos licores, a organizadora nota ainda que nem sempre é fácil estabelecer parcerias num

meio onde as empresas não querem partilhar atenções. "Quisemos juntar estas pessoas, o produtor de licores artesanais, as pessoas que fazem o pão, e há empresas e entidades que são resistentes a este tipo de parcerias".

"Com esta actividade promovemos todos os apoios que cá temos, mas há ainda empresas que querem só autopromover-se, não querem juntar-se com ninguém. Nós tentamos fazer este trabalho o melhor possível, mas também não vamos criar bloqueios com quem depois possa não estar tão receptivo", reitera, considerando haver ainda "pontos difíceis" nesta discussão, mesmo numa abordagem ao território que promove o território e quer "manter vivas as tradições".

João Martinho

Espumante

Quinta do Regueiro

Medalha de Ouro em
LONDRES

BRUTO

1ª Corrida Solidária de Melgaço juntou comunidade para apoiar os Bombeiros

Iniciativa não angariou ainda a verba necessária para calçar a corporação

O grupo Os Caminhantes da Terra levou a efeito, no passado dia 24 de Julho, a 1ª Corrida Solidária de Melgaço, uma iniciativa de beneficência, cuja receita reverte a favor da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço para a aquisição de botas adequadas às missões de socorro da corporação.

O objectivo ficou pela metade, já que os promotores da iniciativa precisam de mais de seis mil euros para fazer face à compra do equipamento necessário, mas o grupo adianta ter para breve – assumem colocar em agenda já para o mês de Agosto – outras acções que chamarão os melgacenses a sair à rua por uma boa causa.

Melgaço e os municípios galegos de Arbo e Crecente uniram-se em torno desta 1ª Corrida Solidária, participando nas actividades e animando a feira que se seguiu aos momentos das actividades desportivas do programa. Comerciantes, marcas, produtores e associações associaram-se ao objectivo solidário, construindo um dia de actividades e uma banca de produtos, sorteios e brindes que iam dando

mais realismo ao sonho. Na feira e exposição de produtos locais, dos vinhos aos queijos, fumeiro e produtos artesanais, mas também peças de criação artística criaram uma montra solidária e composta em pleno Largo Hermenegildo Solheiro, frente à sede da autarquia.

Ana Catarina Pires, Carlos Almeida e Nuno Almeida, impulsores da 1ª Corrida Solidária de Melgaço 2016, encontraram na opção corrida ou caminhada a melhor forma de atrair mais participantes.

Nuno Almeida, participante e dinamizador da Invicta Runners Team, no Porto, assumiu parte da organização desta corrida, partilhando assim com Carlos Almeida e Ana Pires a orientação do evento. Carlos Almeida, que tem promo-

Continua na pág. seguinte



UM VERÃO COM
MUITA ANIMAÇÃO



Canyoning
Kart Cross
BTT



Canoagem
C. Aquática
Slide



Escalada
Arvorismo
Rapel



Todos os dias

Saídas garantidas

10h00 | 15h00 | 17h00

Camping de Lamas

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041 • www.montesdelaboreiro.pt

GPS: 42.036032 - 8.194294

Continuação da pág. anterior

vido, enquanto responsável pelo grupo Os Amigos da Caminhadas, referenciáveis eventos desportivos de cariz solidário a favor dos Bombeiros, desenhou o roteiro de cada uma das provas. Convidados por Ana Pires a integrar este grupo que alia a actividade física às causas solidárias, o estímulo passou inclusive para as localidades galegas.

Arbo e Crecente, enquanto parceiros na Corrida Solidária, assumirão nos próximos dois anos a realização das actividades desta acção que apoiará os Bombeiros noutras necessidades que à altura enfrentem. Ainda assim, até ao dia desta primeira acção popular estão "muitas visitas às alcaldías, reuniões de ambos os lados, mas tudo o que veio foi bem-vindo", vincava o grupo organizador.

Em dia de actividade, os organizadores destacaram ainda o apoio dado pelos Bombeiros e pela GNR de Melgaço, que se disponibilizaram para colaborar nesta iniciativa solidária no devido acompanhamento das actividades desportivas, que careciam deste apoio.

Na corrida que dá título ao evento, no trajecto de 8 quilómetros de dificuldade média, foram atribuídos prémios para os três primeiros lugares. Foi vencedor o participante José Pedro Costa, com 36 minutos de prova; em segundo lugar ficou Marco Rodrigues, com um tempo de 39 minutos e em terceiro o participante Rui Lameira, com 41 minutos.

Pokémon... Solidário

Dia de 'caça' vai abrir em dia de Agosto

Com o objectivo de calçar os Bombeiros ainda em aberto, o grupo Os Caminhantes da Terra continuará a programar actividades que suscitem interesse da comunidade em participar. A caminhada Pokemon Solidário, com realização prevista durante o mês de Agosto, aproveitará a fervorosa época de 'caça' às famosas criaturas virtuais. E como não se sabe se há por Melgaço qualquer pokémon épico ou lendário (quicá esta seja 'escondido' num dos trilhos um raro Mr.Mime, que só existe na Europa) o grupo solidário quer promover uma saída de pais e filhos em torno de uma moda digital, mas que apela ao exercício físico e, neste caso, ao convívio fora de portas. "A ideia é fazer com que os jovens venham e tragam os pais com eles", sublinham.

João Martinho

Executivo municipal visitou freguesias do concelho entre Abril e Julho

Manoel Batista fez balanço positivo e elogiou o "cuidado" dos autarcas de freguesia

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, faz um balanço "muito positivo" das visitas feitas às Freguesias e União de Freguesias do concelho. O autarca iniciou este périplo a 7 de Abril, com visita à União de Freguesias de Chaviães e Paços e terminou no dia 25 de Julho na União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro.

No período de quatro meses, Manoel Batista, acompanhado por técnicos e elementos do seu executivo, visitou Fiães (17 de Maio), a União de Freguesias de Vila e Roussas (22 de Junho), Penso (24 de Junho), Alvaredo (27 de Junho), Cristóval (28 de Junho), a União de Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão (30 de Junho), Gave (5 de Julho), Paderne (7 de Julho), Couso (11 de Julho), S. Paio (13 de Julho) e Prado e Remoães (22 de Julho).

Nas várias deslocações ao terreno, o autarca aproveitou para se inteirar do andamento de algumas obras e para proceder à inventariação e análise das que são consideradas prioritárias pelo executivo da freguesia.

"Há um registo muito positivo que gostava de sublinhar. Em todas as visitas que fiz percebe-se que há, da parte dos executivos das freguesias, um cuidado extremo em cuidarem da freguesia e terem-na com qualidade e arranjada", notou o autarca.

Apesar das limitações e diferenças na dimensão da obra realizada de cada freguesia, quer pela necessidade, quer pela capacidade de investimento que cada uma suporta, o autarca notou que "todas elas foram procurando fazer o investimento necessário e estão de parabéns pelo trabalho que têm feito".

Em termos de investimentos na criação de redes de abastecimento de água e saneamento, o autarca notou que as 16 candidaturas que o município de Mel-



gaço submeteu ao programa PO-SEUR - Programa Operacional da Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos, "algumas estruturais, outras mais pequenas", permitirão fazer uma cobertura integral deste serviço.

No ciclo urbano da água, o investimento global será de aproximadamente três milhões e quinhentos mil de euros, sendo a participação comunitária de cerca de três milhões se a intervenção for apoiada na totalidade prevista pelo projecto.

De entre os locais sujeitos a intervenções destaca-se a requalificação da ETAR da Zona Industrial, que para além de permitir o tratamento adequado dos efluentes que já drenam para a ETAR, também vai permitir o tratamen-

to de todos os resíduos vinícolas dos vinicultores.

Nas restantes intervenções projectadas estão o abastecimento de água às inverneiras de Castro Laboreiro - 2.ª Fase; Saneamento à freguesia de Fiães - 2.ª Fase; saneamento ao lugar de Virtelo; Freguesia de Paços; das Coriscadas ao Rodeiro (Castro Laboreiro); Lugar das Bouças (Alvaredo); Lugares de Lobiô e Cavaleiro Alvo; Lugar da Barqueira (Paderne); saneamento e abastecimento de água ao Lugar de Orjaz (Cubalhão); abastecimento de água e saneamento no lugar de Alcobaça; saneamento ao Lugar de Eiriz e Baldosa; abastecimento de Água a Cavaleiro Alvo e saneamento ao lugar dos Palheiros (Prado).

Apesar das contenções e do atraso na abertura de candidaturas no âmbito do programa Portugal 2020, Manoel Batista considera que os municípios estão "mais perto de conseguir fazer obra".

"Estamos a desenvolver um conjunto impressionante de projectos para o município", referiu. Nesta lista estão alguns de recuperação do património cultural, como o de revitalização da Casa da Cultura ou o da antiga Escola Primária da Vila (cujo plano já destacamos neste jornal, na edição de Maio) que prevê um espaço para receber o arquivo documental e do espólio de Jean Loup-Passek, mas também de espaços que funcionarão como incubadora empresarial.

João Martinho

Melgaço prepara-se para Agosto com quase 15 dias de programa festivo

Cinema, folclore, tradições e Alvarinho em programa com novidades



Melgaço apresentou a programação para os meses de Verão e em Agosto e Setembro as actividades culturais vão multiplicar-se e percorrer um pouco as localidades melgacenses.

Contudo, o enfoque no mês de Agosto, período no qual o concelho concentra maior número de visitantes e emigrantes, traduziu por isso também um maior esforço na oferta de animação e actividade cultural.

O programa "Melgaço em Festa", concentra iniciativas durante quase toda a primeira quinzena de Agosto, reforçada ainda pela terceira edição do Filmes do Homem – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, com sessões agendadas de 2 a 7 de Agosto.

À terceira edição, o festival continua a conquistar a atenção e o interesse da crítica e de realizadores internacionais. Em 2016, foram apresentados a concurso cerca de 300 filmes, dos quais foram seleccionados os 27 que serão exibidos durante o decurso do festival.

Para o presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, o festival de cinema documental é um importante veículo para "reflectir os temas fundamentais da nossa realidade" e, no âmbito das iniciativas desenvolvidas a este propósito "produzir elementos culturais e produtos que fiquem nos espaços museológicos".

O Filmes do Homem é por isso o primeiro evento cultural a inaugurar Agosto, no dia 2, iniciando com sessões de cinema às 17 horas. A sessão de abertura e projecção dos documentários filmados em Melgaço em 2015, no âmbito do Plano Frontal decorre

a partir das 21 horas, na Casa da Cultura.

Recorde-se que, durante o período do festival, o visitante poderá assistir às sessões na Casa da Cultura mas também em Castro Laboreiro, Penso, Cristóval, Padrenda e Arbo. Padrenda (Galiza) soma-se às localidades com as quais a comunidade melgacense estabeleceu relações enquanto território de fronteira. Actualmente em primeiras abordagens, mas apontados como possíveis parceiros nesta divulgação do cinema de temática comum estarão, segundo Manoel Batista, os municípios de Celanova, Carballiño e Vigo.

É muito mais fácil apostar no Quim Barreiros porque traz muita gente, mas um festival de cinema também é uma aposta vencedora

A programação para o mês de Agosto, que engloba o festival Filmes do Homem e as iniciati-

vas compreendidas no "Melgaço em Festa" tem um custo na ordem dos 150 mil euros, valor que o autarca de Melgaço considera ser "equilibrado" pela diferenciação que traz às programações festivas que por esta altura se fazem um pouco por todo o Alto Minho.

Às críticas de que diz ter sido vítima pelo volume da aposta no festival Filmes do Homem – cerca de 60 mil euros, quase metade do orçamento disponibilizado para restantes as actividades culturais de Agosto – o autarca diz que não abandonará a bandeira diferenciadora em detrimento do entretenimento "mais fácil".

"Já fui acusado, até em Assembleia Municipal, de que era um valor elevado para um evento cultural, mas eu não tenho problemas em assumir que é um valor equilibrado, faz todo o sentido e enquanto presidente de Câmara mantereí essa aposta no festival de cinema, que me parece ser vencedora e diferenciadora. É muito mais fácil apostar no Quim Barreiros, porque traz muita gente, do que apostar num festival de

Continua na pág. seguinte

Clínica OSTEO+



CONSULTAS DE OSTEOPATIA
estrutural, craneal, visceral, pediátrica e obstetrícia
Dra Cátia Afonso (directora técnica)

CONSULTAS de ORTOPEdia
Dr José Ratola Teixeira (director clínico)

PSICOLOGIA CLÍNICA | FISIOTERAPIA | ENFERMAGEM
TERAPIA DA FALA | CINESIOTERAPIA RESPIRATÓRIA
ESTÉTICA AVANÇADA | MASSAGEM TERAPÊUTICA
NATUROPATIA | HIPNOTERAPIA | REIKI



VENDA de MATERIAL ORTOPÉDICO



Clínica Osteo+ Melgaço
Av. Cap. Salgueiro Maia nº540
4960-570 Melgaço

telefone:
251 401 078



TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA

TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE

 PORTUGAL

 FRANÇA




CONTACTOS: e-mail: t.s.carpinteiro@gmail.com

FRANÇA	PORTUGAL	MORADA:
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

Continuação da pág. anterior

cinema, que é diferenciador, não traz tanta gente, mas com certeza é uma aposta vencedora também", sublinhou.

O programa "Melgaço em Festa" inicia-se a 5 de Agosto com o Festival Internacional de Folclore e este ano o concelho de Melgaço receberá no Largo Hermenegildo Solheiro os grupos da Bolívia, Chechénia, Colômbia e Filipinas.

O Dia do Brandeiro, tradicionalmente comemorado a 6 de Agosto na Aveleira, repetirá novamente o desfile de carros de bois, acompanhado por brandeiros trajados a rigor dos tempos de actividade plena das brandas melgacenses, além de outras actividades que habitualmente vem sendo desenvolvidas neste dia.

O folclore, agora em sonoridades bem minhotas, volta ao Largo junto ao edifício da Câmara no dia 11, pelas 21 horas. Após desfile pelas ruas da vila, desde a rotunda do Chafariz até ao largo, onde subirão ao palco, 9 grupos de folclore do Alto Minho, de Viana do Castelo a Monção, actuarão em espectáculo que chega pela primeira vez a Melgaço.

Cartulário do Mosteiro de Fiães será apresentado no Dia da Diáspora Melgacense

Novidade também no programa "Melgaço em Festa" é o Dia da Diáspora Melgacense, que se propõe criar uma programação atenta aos emigrantes melgacenses que nesta altura visitam e sentem a sua terra.

Além da abertura do Festival das Tapas e do Alvarinho e da Feira do Artesanato, este ano a ter lugar no Largo frente aos Paços do Concelho, pelas 10 horas da manhã; o destaque cultural deste dia centra-se na apresentação pública do Cartulário do Mosteiro de Fiães, a ter lugar no Mosteiro de Fiães e com apresentação do padre José Marques.

A obra, que o autarca de Melgaço considera "uma referência cultural no país", promete "dar a conhecer muito do que é a história de Melgaço nos seus primórdios".

No dia 13 haverá lugar à sessão solene de entrega de medalhas de mérito, a ter lugar no Salão Nobre da Câmara Municipal, assim como a apresentação da reedição do Boletim Cultural – nº 9, uma publicação da autarquia, suspensa desde 2009.

A programação de 2016 terminará no dia 14, com o concerto musical de Luís Represas no Largo da Feira, ao qual se seguirá o espectáculo pirotécnico e musical que assinalam o encerramento do "Melgaço em Festa" 2016.

João Martinho

As Termas do Peso



Termas do Peso (Melgaço)



Era uma vez uma empresa com o nome de Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas. Melgaço estava no meio por soar melhor. Vidago e Pedras eram as "joias da coroa" por serem mais conhecidas e ficarem junto duma grande cidade, Chaves, na região do Alto Douro, com melhores vias de comunicação e ambiente privilegiado de grandes e formosos parques e luxuosos hotéis como o *Palace*, com piscina, casino próximo e outros divertimentos. A firma Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas formou-se numa época em que as empresas tinham caras e donos; eram mais que simples cotações de bolsa. A VMPS era do Conde de Caria, Bernardo Mendes de Almeida, do António Carneiro Pacheco, do Raul de Oliveira, conhecido empresário do Porto e do Dr. João Seródio, de família igualmente ilustre e com raízes transmontanas, por sinal vizinha de Pedras Salgadas. Viam as termas não como fontes geradoras de dinheiro mas com a responsabilidade de cuidar da cultura e da história daqueles lugares de águas minerais e árvores de copas gigantescas, deixando marcas profundas em todos os que estiveram ali hospedados. Esta sociedade fez importantes investimentos em todas elas. Nas Águas do Peso construiu o Pavilhão, a Fonte Nova, o Balneário, as Oficinas, o Campo de Ténis e o Minigolfe; ajardinou primorosamente as avenidas do parque, plantou tílias acácias, cedros e árvores de grande beleza, tornando o parque num dos melhores do país. Durante mais de três dé-

cadadas as Termas do Peso foram um lugar de sucesso. As incricções eram às centenas, durante os meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro. Os hotéis e pensões não chegavam para acolher tantos hóspedes, sendo obrigados a recorrer a casas particulares. As lojas e bares enchiam e a animação era enorme, vivendo as gentes destas redondezas felizes e contentes. O parque de flora exuberante e única era um santuário, muito visitado por estrangeiros e nacionais. As Águas do Peso permitiam acessibilidade a pessoas de bolsas menos recheadas mas que precisavam de tratamento da água, dos banhos, do descanso e de paz, que aqui encontravam sítio ideal e lugar inconfundível. Como sempre acontece, o tempo correu e tudo mudou. Os primeiros donos partiram. A VMPS foi vendida ao empresário Sousa Cintra que prometeu grandes empreendimentos. Contudo foram palavras ocas. Nada fez e vendeu a empresa ao Pingo Doce, a Gerónimo Martins, que ao fim de pouco tempo a entregou à Unicer, actual detentora. Esta começou por abrir novos poços com a finalidade de aumentar o caudal da água a explorar. O que é certo é que nada foi conseguido, não se vendo camiões a transportar água mineral das nascentes do Peso e o mais grave foi a mistura das águas e o fecho da Fonte Nova, privando os aqúistas e os residentes de beber daquela fonte, o que antes sempre lhes foi permitido, estranhando-se a atitude dos novos donos em fazer ali um museu e engarrafarem a água longe da nascente, o que não é permitido por lei.

Já antes dissemos que o campo de ténis foi de férias. Agora foi a Fonte Nova de férias. Há mais coisas que foram de férias e não voltam mais: os plátanos e o Sobrelho da Santinha, exlibris das termas, a linda Capela de S. Marcos, o Posto de Turismo, o edifício dos CTT, etc. Para nós a anterior Câmara Municipal é a grande responsável do estado lastimoso a que chegaram as Termas do Peso. Virouse mais para o monte de Prado, para os tais "elefantes brancos", que enchem os olhos dos eleitores, mas que não dão rentabilidade. O contrato da Câmara anterior com a Unicer foi quanto a nós um fracasso, já o dissemos e repetimos. (*a Câmara ficar com as obras e a Unicer com as águas foi um negócio da China para esta última!!!* Em que filme se viu?). A autarquia anterior devia exigir que fosse aquela empresa a fazer as obras e a comercializar a água, nos mesmos moldes das Pedras Salgadas e Vidago, onde gastou 50 milhões e dar também o projecto a Siza Vieira e não a um aprendiz qualquer, que ao construir a piscina de linhas modernas ao lado do balneário de arquitectura antiga foi uma grande "falta de estética". A parceria com o empreiteiro Casais foi também outro fracasso. As parcerias são lindas no papel mas os seus resultados têm sido desastrosos para o país e, assim, havendo prejuízo são sempre os munícipes a pagar a factura e agora como a situação é altamente negativa, (*não há rendimento a justificar os milhões empregues, só obra para inglês ver, só fachada para eleições!*), a actual Câmara Municipal ficou com "a batata quente na boca", sendo obrigada a aumentar os im-

postos como a taxa da água, mais cara do que a gasolina. Era preferível pôr parcómetros a 50 centimos/hora e não aumentar tanto a água, (*um exagero!!!*), um bem essencial, reconhecido pela UE e pela ONU. Perdoem-nos os leitores a nossa insistência sobre este assunto mas não podemos ficar calados perante o abandono das Águas do Peso, consideradas as únicas no tratamento das diabetes e outros males do aparelho digestivo, fígado, estômago, intestinos e rins, além do Peso ser dotado pela natureza de paisagens maravilhosas com belas vistas para a Galiza e banhado a poucos metros pelo rio Minho, cujas margens estão sem aproveitar como a *Garça*, onde foi rodado o filme americano "The Pride and the Passion" (*Orgulho e Paixão*), cujo realizador Stanley Kramer disse que a *Garça* era um lugar paradisíaco que iria valorizar muito a sua obra cinematográfica. Era aqui na *Garça* o local certo para fazer a praia fluvial e não no monte de Prado, região árida e agreste. Houve iniciativa do anterior município para ajudar a Unicer, gastando milhões no balneário, piscina e no parque e não houve iniciativa para a população do Peso, que continua à espera de igual apoio para renovar hotéis e casas degradadas e criar infraestruturas modernas comparáveis a outras termas, como as do Gerês e Cadelas.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

PS. As Termas, o ano passado, a maior parte do tempo, estiveram encerradas, sem movimento e este ano estão a ir pelo mesmo caminho. Não se veem hóspedes, nem utentes do balneário. Só se vê à noite o lampadário alumando o parque deserto e os hotéis, em ruína. Até quando isto vai acontecer e se vai permitir que a água mineral do Peso corra para o regato e não se a comercialize como as das Pedras Salgadas, Vidago, Luso, Carvalhos?, etc. Seria uma boa fonte de receita para a nossa CM.

Abílio Francisco Conde
Julho 2016

Minibásquete entusiasma crianças melgacenses

28º Jamboree trouxe a Melgaço praticantes de todo o país

Melgaço acolheu, de 3 a 9 de Julho, o 28º Jamboree de Minibásquete, um encontro que reuniu no concelho mais de 70 jovens de Norte a Sul do continente, mas também das ilhas dos Açores e Madeira.

O evento, organizado pela Federação Portuguesa de Basquetebol e pelo Comité Nacional de Minibásquete, contou com o apoio da Associação de Basquetebol de Viana do Castelo, do Agrupamento de Escolas de Melgaço e da Câmara Municipal de Melgaço.

O grupo de jovens atletas esteve instalado no Centro Escolar da Vila, envolvendo por isso de diversas formas a comunidade escolar e alunos, que se fizeram representar por 19 elementos do agrupamento mais vocacionados para o basquetebol.

Para além de actividades que envolveram a modalidade desportiva que os moveu neste evento, durante o período da estadia no concelho mais a norte de Portugal os atletas puderam conhecer a vila, características e museus do centro urbano.

No dia 8 de julho o programa contou com os seus maiores eventos, nomeadamente o Torneio do Jamboree, no gimnodesportivo de Centro de Estágios, e a Gala final na Casa da Cultura de Melgaço, onde se fez a retrospectiva das vivências dos jovens.

António San Payo Araújo, Director Técnico do Minibásquete na Federação Portuguesa de Basquetebol, apresentava em Melgaço, terra a que o ligam algumas raízes familiares do lado materno – nomeadamente ao fotógrafo San Payo, famoso ‘retratista’ em Lisboa, na primeira metade do século XX – a sua despedida como Director Técnico do Minibásquete.

Responsável desde 2000 por este desporto, San Payo manifestava a vontade de “passar a pasta”. “Aqui será a minha despedida como Director Técnico, e tenho todo o orgulho de fazê-lo aqui”, notava. A vontade de cessar funções directivas, fundamentou-se “num conjunto de razões muito alargado, mas tam-



bém porque acho que é a hora de passar a pasta a gente mais nova”, observou. “Não me desligo do minibásquete, desligo-me apenas das funções de Director Técnico”.

Apesar do tom de despedida do seu discurso, San Payo destacou a boa recepção em terras de Inês Negra e notou para as “excelentes condições para fazer este tipo de eventos” e a amabilidade dos melgacenses. “Acho que conseguimos, através de algumas das actividades, interação com a vila e que sentiram a nossa presença”.

Com o fenómeno do minibásquete expandido por metade dos concelhos do país, com expressão no continente e ilhas, António San Payo destaca o distrito aluminhoto de entre os que melhor representam a modalidade. “O distrito que mais expressão tem

de minibásquete por concelho é o de Viana do Castelo. Neste momento existe praticamente em quase todos os concelhos. Uma das razões de promover aqui o Jamboree foi também para estimular a que Melgaço tenha um núcleo de minibásquete a funcionar”, notou.

Dentro das linhas do campo, o representante da Federação Portuguesa de Basquetebol assumiu ter vislumbrado alguns talentos e espera que os mais adultos não deixem cair este estímulo das crianças melgacenses.

“Há aqui algumas crianças muito dotadas e com as quais gostei imenso de trabalhar. Eles estão entusiasmadíssimos, agora é não deixar morrer esse entusiasmo, mas isso passa pelos adultos”, atira António San Payo.

João Martinho

68.º ARTIGO Aproveitamento de pão

O pão é um dos alimentos em que ocorrem mais desperdícios a nível nacional e, na sua grande maioria é perfeitamente possível de aproveitar! Veja algumas sugestões:

Congele – se necessita de vários dias para acabar um pão, congele parte dele, tendo o cuidado de o fatiar previamente; descongele algumas horas antes ou use imediatamente, em torradas.

Migalhas frescas – esmigalhe ou moa, depois congele ou guarde as migalhas num contentor estanque ao ar. Perfeitas para cobrir gratinados, macarrão com queijo, estufados, bolos e cupcakes e para panar carne e peixe.

Pão ralado saboroso – depois de usar o forno, com ele ainda bem quente, coloque nele a torradas de pão, depois moa-as, adicione ervas aromáticas e sal e obtem uma mistura saborosa passível de usar em muitos pratos.

Deliciosa cobertura de gelados – adicione a migalhas de pão torradas, açúcar amarelo, canela em pó, pó de cacão ou coco ralado.

Torradas – prefira a torradeira em detrimento do grelhador sempre que possível pois consome menos energia, para transformar o seu pão ligeiramente duro, numa torrada que é um dos alimentos que dá mais conforto.

Pudim de pão e manteiga – há muitas versões desta receita mas, globalmente, é composta por fatias de pão barradas de manteiga, em camadas alternadas com uma mistura de ovos, leite e açúcar e vai ao forno. Tente barrar com doce de fruta ou creme de limão, adicionando um sabor frutado.

Pudim de pão – adapte a receita doce para prato principal. Faça-o com pão com queijo (e pickles), com tomate, espinafres ou outros vegetais, cubra com uma mistura de leite com especiarias e ovos, num prato fundo de ir ao forno, polvilhe com queijo ralado e leve ao forno.

Fattoush – popular salada de pão e vegetais do Médio Oriente. Ingredientes: 5 chávenas de pão torrado em pedacinhos, 2 tomates fatiados, 1 pepino fatiado, 1/4 chávena de salada picada, 1/4 chávena de cebola fresca picada, 1/4 chávena de pimento verde fatiado, 1/2 alface cortada em pedaços, 3 dentes de alho picados, 1/2 chávena de sumo de limão, 3/4 chávena de azeite, 1/4 chávena de menta fresca picada, sal e pimenta q.b. Preparação: numa grande saladeira, combine a alface, pão, tomates, pepino, cebola e salsa. Adicione o molho: alho, azeite, sumo de limão, e menta. Misture bem.

Recheios – misture pedacinhos de pão com cebolas, ervas aromáticas e temperos diversos para rechear um rolo de carne. Experimente com ingredientes extra como espinafres, salsichas, nozes e passas ou ameixas.

Rolos com frutos secos – se é apreciador de frutos secos, como nozes, caju, avelãs, amêndoas, misture-as com vegetais, queijos e cogumelos e faça equilibradas receitas vegetarianas, temperadas com mel e molho de soja.

Faça o seu próprio pão – é menos provável que desperdice! Faça à mão ou compre uma máquina, que já traz receitas. Se não, encontra muitas na net.

Recupere o pão levando-o ao forno – transforme o pão seco em pão fresco borrifando-o com água e levando-o rapidamente ao forno ou microondas.

Pão com bolor – não é saudável o seu consumo mas não precisa de ir para o lixo! Coloque-o na compostagem.

Pão com ovo – cubra fatias de pão com ovos batidos, frite rapidamente e sirva com a sua cobertura preferida: mel, tomates ou cogumelos, se preferir.

Pudim de pão com morangos e mel de Jamie Oliver – misture os ovos batidos com o leite e um pouco de licor de limão, num prato fundo. Mergulhe na mistura as fatias de pão e escorra o excesso. Polvilhe com açúcar amarelo e leve ao grelhador até cada lado ficar dourado. Polvilhe os morangos com açúcar amarelo e leve ao grelhador até o açúcar dourar. Cubra o pão quente com queijo ricotta e com os morangos e coma com mel, depois de decorado com casca de limão.

Torradas com queijo e geleia – barre levemente um dos lados da fatia de pão com queijo creme e do outro lado com geleia de fruta, antes de mergulhar a fatia em ovos batidos e fritar.

Pizza – cubra a fatia de pão com tomate picado, ervas e queijo ralado e coloque no grelhador.

Ana Cristina Costa

História do Angelino

>> CAPÍTULO IX

O tempo correu e a criança a quem foi posto o nome do avô, Angelino, personagem principal desta história, Angelino da Costa Leite, estava com sete anos. Sete anos era a idade de começar a frequentar a escola. No segundo dia de aulas o Angelino sofreu uma queda do muro em frente à igreja e quebrou o braço esquerdo. Perdeu semanas de aula e o avô comprometeu-se a levá-lo e a apanhá-lo na escola, para não mais se machucar, pois era sabido que o rapazinho tinha os ossos fracos. Naquele ano o avô Angelino foi o Juiz da Cruz no dia de Páscoa. Como era tradição o almoço festivo era em casa do juiz. Ao banquete, além da família, participaram o Sr. Padre Abílio, que era na altura o pároco da freguesia, o Sr. Manuel da Boca e o Sr. Correia Paes, que faziam parte da comitiva pascal que acompanhava o compasso, e o Sr. Ângelo, tio e padrinho do Abílio. Este Sr. Ângelo, quis dar mais destaque ao almoço comprando vinho maduro e vinho do Porto, no armazém que havia em Maceda. Como fazia bastante calor, o Sr. Angelino saiu para a eira bebendo pela garrafa, encostou-se à meda de palha e adormeceu. Quando a Palmira deu

por falta dele foi procurá-lo na eira. Encontrou-o dormindo ao sol bravo. Acordou-o e levou-o para casa. O excesso de sol provocou-lhe uma pneumonia. Chamado o Dr. Antunes, receitou-lhe uma injeção. Dizem que houve erro na dita injeção, seria para aplicar no músculo mas foi aplicada na veia. O velho Angelino faleceu. Foi um trauma muito doloroso para todos os familiares, especialmente para o neto Angelino. O pai, Sr. Abílio, dispensava muito carinho àquele primeiro filho e talvez único, mas não era igual ao do avô que deixou muitas saudades. Meses depois faleceu o Sr. Lourenço, avô da Palmira. Levaram o garoto Angelino ao funeral e no cemitério ficou confuso. Nunca tinha visto enterrar ninguém e nem atinava o que aquilo representava. Perguntou e deram-lhe a explicação convencional: que fora para o céu. Não aceitou a resposta, pois gostava muito daquele avô e a separação agoniava-o. Mais alguns meses e faleceu o avô Sr. João Serradelas, pai da Mirinha, mãe do rapazinho. Disseram que morrera de tísica nos ossos, doença que adquirira quando esteve no Brasil. Febre-amarela mal cuidada. Era um bom homem este avô!

Seria, se não fosse a sua ganância por dinheiro e por terras. Já o bisavô Lourenço fora diferente, doou o pedaço de terreno para a construção da escola ao lado da casa de Abílio e Palmira. Na mesma altura o João Serradela, num lote contíguo, mandou construir o engenho para que não fosse usado como quintal da escola.

A vida íntima da Palmira, tão novinha e bonita, com o seu marido Abílio, era um tormento; a abstinência prescrita pelo médico estava difícil de ser cumprida. Resolveram arriscar. Tinham-se amor e este tudo permite. O resultado da transgressão resultou em gravidez. Passou a ser novo tormento o tempo da gestação. O Abílio considerava-se responsável pelo que de pior viesse a acontecer à sua querida mulher. Contra todas as expectativas a gravidez correu normal e um belo dia, quando ambos andavam apanhando feijões, a Palmira sentiu as dores do parto. Chamaram a parteira e nasceu a Maria Rosa. A partir da experiência bem-sucedida, não mais se resguardaram e ao todo tiveram nove filhos escorritos.

CONTINUA

Manuel Felix Igrejas

Temos o Direito de Ter...

O murmulho do Mês de Julho encanta as romarias do Mês de Agosto!...

Festa é Festa! E povo que se preze acolhe de bom grado os folguedos que o convidam a comemorar e partilhar o que lhe faz bem à alma e ao coração. Não se pode descurar a boa mesa porque essa faz bem ao "estômago" e aquece o "clima" à mesa. O repasto deve ser bem regado para que os brindes acompanhem a musicalidade do são convívio!...

Após 108 minutos bem sofridos e aclamados, os Portugueses vibraram com a façanha da Seleção ter conquistado o título de Campeã Europeia de Futebol. Vieram as medalhas, as condecorações e alvarás!... Todos queriam e todos se acharam no direito de ter!... Cada cabeça...sua sentença!... Mas que somos Campeões com heróis à mistura não há dúvidas. Içaram-se as bandeiras e toda a gente "botou faladura"!...

A euforia desportiva teve e tem razão de ser. Vamos esperar para ver o que as Olimpíadas 2016 nos vão trazer!... O Rio de

Janeiro engalanou-se para receber os melhores atletas do Mundo. As polémicas estalaram o verniz quando se constata que a verdade dos atletas está sujeita a corrupção e suborno ao mais alto nível!... E é pena que às vezes sintamos vergonha pelos actos de terceiros que condicionam o percurso de todo e qualquer atleta!...

O embalo que tomamos em Julho é motivo para dizer:

– Já ninguém nos pode parar!

Assistimos a homenagens previsíveis e mais que justas. António dos Santos Ramalho Eanes, António Elísio Capelo Pires Velloso, Mário Alberto Nobre Lopes Soares e Aníbal António Cavaco Silva podem sentir orgulho no que de melhor fizeram pela sua Pátria. Muitos valorosos e bons homens deveriam ver reconhecido seu valor e seu percurso. Joaquim Manuel Trigo Mira Mensurado partiu sem que a justiça lhe fosse feita. Esperemos que a verdade histórica reponha a verdade dos factos.

Já que tomamos o balanço há que nos afirmarmos nesta Europa

tão "mesquinha" para os menos afortunados e exigir o que é nosso por direito:

– Temos o direito de produzir dentro das nossas fronteiras o melhor pão e colher o melhor vinho!...

– Temos o direito de pescar o melhor peixe para os nossos filhos!...

– Temos o direito de criar porcos para comermos o melhor leitão!...

– Temos o direito de usufruir do leite que queremos abdicando das quotas leiteiras que nos tramam e prejudicam!...

– Temos o direito de ter os nossos feriados e as nossas festas!...

– Temos o direito de ter a nossa economia e as nossas finanças intocáveis!...

– Temos o direito de termos verdadeiros heróis e campeões!...

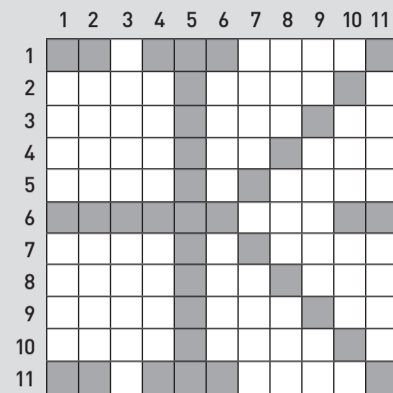
Esperemos, para ver e ouvir, o que nos traz Agosto!

Não há luar como o de Janeiro mas lá vem Agosto que lhe dá no rosto!...

Helena Matos

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1. Pesquisa; 2. Erguer, querido; 3. Origem, doze meses; 4. Cingir, nota musical, imensidão; 5. Pouco vulgar, fruta; 6. Astro; 7. Nome de fruto, roedor; 8. Suplicar, símbolo químico do ósmio, sorrir; 9. Abertura em fruto, possuir, acolá; 10. Lavar, ave rapina; 11. Grande cão de fila.

Verticais: 1. Irritar, mamífero regiões polares; 2. Busca irritar; 3. Irritar; 4. Café com leite; 5. Pouco vulgar, rezar; 6. Silêncio, rumo; 7. Caule, maçada; 8. Círculo, colocar, relento; 9. Contração de te e o, chocho, batráquio; 10. Semelhante, insignificância; 11. Exteriormente, rogar.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras encontra em qualquer direção: Nomes de répteis



CHARADAS

Saltitantes

- ___ + CA = Estiagem
- ___ + NA = Mamífero
- ___ + NA = Adormecer
- ___ + CA = Troféu

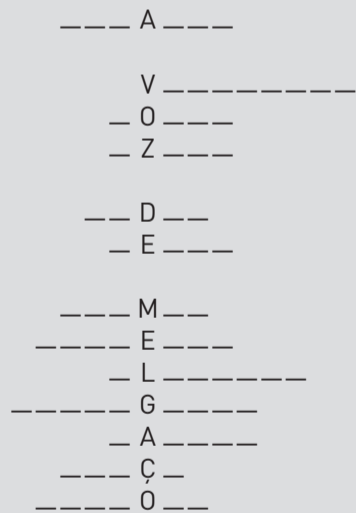
Conceito: **Composição (concerto)**

Quadrado

- [] [] [] [] = Desgosto
- [] [] [] [] = Epopeia
- [] [] [] [] = Indício
- [] [] [] [] = Espécie bolo arroz
- [] [] [] [] = Fazer girar

PROBLEMA

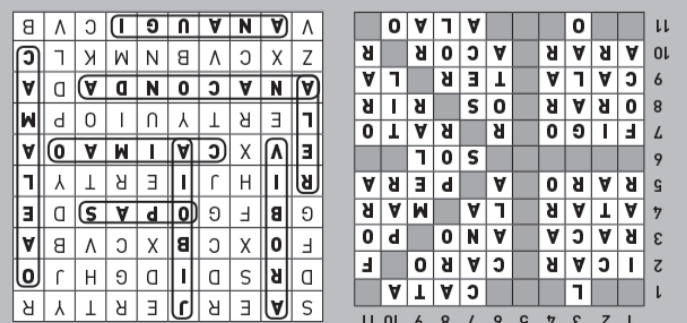
No tracejado indicar nomes de Elementos Químicos



Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo

PROBLEMA Estanho - Volttrâmio - Cobre - Azoto - Rádio - Ferro - Chumbo
Oxigénio - Alumínio - Hidrogénio - Cálcio - Zinco - Carbono

CHARADAS Combinadas: SE + RE + NA + TA = SERENATA
Quadrado: Pesar - Epico - Sinal - Acaca - Roliar



S O L U Ç Õ E S

Esthetic Smile promove cartão onde as compras no comércio local dão descontos no dentista



Com o objetivo de divulgação e promoção do comércio local, a ESTHETIC SMILE e os comerciantes aderentes lançaram no mês de Agosto a campanha "Melgaço a Sorrir".

Em compras nas lojas aderentes, mediante o valor, o consumidor recebe um CARTÃO CONSULTA ESTHETIC SMILE, com valor comercial de 20 euros, de que pode usufruir na Clínica Esthetic Smile Melgaço e cuidar do seu sorriso a preços reduzidos com a tecnologia mais avançada no campo da medicina dentária.

A iniciativa, de interação e cooperação mútua, desenvolve o sistema de 'cross-selling', uma técnica utilizada em diversos países e que visa dinamizar as parcerias.

A Esthetic Smile avançou também contactos com espaços comerciais em monção, onde a campanha gerou "grande interesse" e tem o nome "Em Melgaço faz-se Sorrir".

A clínica promotora desta iniciativa irá actualizar, através da sua página na rede social Facebook, a lista de novas lojas aderentes e que vem somando novos parceiros a cada hora. Com esta campanha, os estabelecimentos comerciais e a Esthetic Smile propõe-se "distribuir SORRISOS no mês de Agosto".

João Martinho

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437

rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437

malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



AGENTE PRINCIPAL



Farmácia Gonçalves aposta na vanguarda do serviço

PUBLIREPORTAGEM

Qualidade do aconselhamento na área da cosmética coloca estabelecimento nos melhores indicadores regionais

Situada na rua de Galvão, à entrada da vila de Melgaço, a Farmácia Gonçalves assinala a cada dia a vontade de estar na vanguarda dos serviços disponíveis ao cliente.

A imagem da farmácia enquanto armazém de frascos com coloridas cápsulas, drágeas e poções hoje já não suscitam qualquer interesse ao cliente, nem tem utilidade para o farmacêutico. O conceito de farmácia hoje tem de ser um espaço agradável para quem, em momento de aflição ou simples procura de um produto, possa sentir-se bem e nesse aspecto a Farmácia Gonçalves soube apostar à frente do seu tempo e acabar com a imagem fria e 'clínica' destes espaços.

Para o Director Técnico e proprietário da Farmácia Gonçalves, Orlando Gonçalves, as condições de conforto vão desde a música ambiente ao aroma do ambientador, passando pela temperatura. A experiência conquistada nos dias de hoje tem como base o trabalho de 12 anos junto da comunidade melgacense, seis deles em Castro Laboreiro, onde Orlando Gonçalves, único funcionário da única farmácia em terras castrejas, fazia um pouco de tudo: Visitava as pessoas, levava-lhes a medicação e ajudava a lidar com as maleitas. "Agarraram-me quase como um filho, adoptaram-me", recorda Orlando Gonçalves.

Hoje ainda mantém uma para-farmácia a funcionar em Castro Laboreiro, com horário de funcionamento mais reduzido, mas não fechou a porta à população que tão bem o acolheu. Continua a enviar diariamente à responsável local pelo posto da para-farmácia alguma medicação solicitada pelos clientes que bem conhece.

A realidade da Farmácia Gonçalves na vila de Melgaço é hoje bem maior do que a que sonhara para o momento. Concretamente, são 200 metro quadrados de área, que o Director Técnico faz questão de utilizar fazendo jus ao jargão adoptado na campanha de promoção: Mais que uma farmácia.

Em espaço próprio, de dois consultórios, a Farmácia Gon-



çalves presta ainda consultas de nutrição, podologia, osteopatia, estética avançada (aplicações de botox, cavitação, preenchimento de rugas) a serem prestadas pelos técnicos habilitados para o efeito e com equipamentos adequados.

O dia de consultas, excepto para as especialidades que carecem de marcação, são: Nutrição, semanal à terça-feira; Podologia, de 15 em 15 dias e Osteopatia, uma vez por semana à segunda-feira.

Com um preço de consulta que Orlando Gonçalves garante serem "os mais baratos do distrito", não é só no serviço de consultório que admite ganhar pontos. O trabalho com as melhores marcas de cosméticos, como a Lierac, Caudalie ou Nuxe, garantem também um bom escoamento e recomendação confiante dos produtos. "A cosmética não

é chegar aqui e pôr estas marcas todas, é preciso divulgar e ter uma equipa capaz para o conseguir", sublinhou o proprietário.

"Sendo bem aconselhada, determinando o tipo de pele da pessoa e conhecendo a marca, podemos aconselhar a amostra que muitas vezes consegue cativar o cliente. Três dias depois a pessoa volta para levar o produto".

Uma equipa de seis farmacêuticos promete o melhor atendimento e aconselhamento de produto. Um esforço para o proprietário mas que tem gerado "feedback" mais positivo... "E as pessoas agradecem", refere.

Com uma sólida gama de produtos de estética, mas também com enorme stock em medicamentos, a Farmácia Gonçalves é uma marca consolidada, ao fim de seis anos no centro da vila melgacense.

VIAGENS NESTA NOSSA TERRA

Memórias de um passeio por Melgaço em 1903

No início do século passado, Melgaço era ponto de interesse para turistas, sobretudo aqueles que procurava no Peso a cura para as suas maleitas. Passaram também pela nossa terra alguns dos maiores vultos da ciência, que aqui se deslocaram para estudar os nossos monumentos bem como os singulares usos e costumes das aldeias do nosso concelho. Um desses vultos foi Guilherme de Oliveira. Dessa visita, resultou o livro "Uma Visita ao Real Mosteiro de Fiães" onde nos conta os seus passeios por terras melgacenses. Pelo Peso, Prado até Roussas e Fiães, onde não resiste a contar-nos algumas estórias da sabedoria popular que por lá ouviu.

No livro, podemos ler "O Minho é o rival da Suíça, no elegante dizer do primoroso estilista D. António da Costa, naquele seu livro, a que deu por título o nome desta encantadora região, aonde alguns antigos quiseram que fossem os Campos Elísios; – o paraíso pagão, segundo Homero, – em que os homens gozavam uma vida doce e tranquila.

Li que, tudo quanto a imaginação dos poetas figurou naquele lugar de paz e bem-aventurança, – parece ser a descrição deste formoso terreno. Há também uma perfeita comparação do Minho, com um mar, que depois de agitado pela maior das tempestades e erguido em ondas temerosas, fosse tornado, de repente, imóvel pela mão do criador, tais e tão vários são os acidentes do solo.

Os montes e os vales que se sucedem lembram as ondas enfileiradas do oceano revolto, havendo sobrepostas naqueles como espumas – pedrenhas calvas e ermas – a solidão e o recolhimento; – e no fundo destes, como carinhoso leite, – as verduras e sombras; – a vida e seu ruído.

Isto, vinha-me à recordação, quando trepava pelas escarpadas serras que do Melgaço vão ter ao arruinado mosteiro de Fiães, e descobria as deliciosas paisagens que ante meus olhos surpresos se desenrolavam pelo horizonte fora.

Lá ia eu realizar o meu mais profundo desejo. Lá ia eu cumprir o meu ardente voto; lá ia eu, enfim, – ver e apalpar essas ruínas, de cujas sentidíssimas notícias históricas levava o coração repleto. Na frente, o guia explicava: – Ali, em baixo, é Prado, antiga freguesia. Já teve grandes rendas; – lá está a sua capelinha. Adiante, Remoães, com os seus torreões e campanários.

– Aqueles telhados, são do estabelecimento das Águas de Melgaço. – Veja daqui, como é bonita a vila, com a sua torre de menagem. Dizem que foi mandada fazer por D. Afonso Henriques; – ainda lá tem nas muralhas uma porta com o nome deste rei, em uma pedra com mais dizeres, e a data 1170.

– Aquela cinta de muralhas, mais pequenas, é de outro rei.

– D. Diniz, talvez?

– É isso. Já ouvi dizer.

– Estamos agora em Cavaleiros. O nome vem da quinta que pertence

ce ao mosteiro. Eu tinha notícia desta propriedade, a qual era essencial em vinhos, e foi doada em 1166, pela condessa D. Frovilla, em tempos do Abade Dom João.

Ha também a suposição de lhe ter sido doada a igreja que lhe era junta, de Nossa Senhora da Ourada, e onde, – diziam os frades, – existiu o mosteiro de S. Bento fundado quando o de Fiães, de que veio a ser priorado.

Assegura-se, – e disto constam vestígios, – que foi de Cavaleiros Templários, dos quais tomou o nome, e era seu passal. Percebiam-se, há anos, ruínas das celas, claustros, e os encanamentos de pedra, que abasteciam de água o convento.

Lá está Roussas, a igreja do antigo padroado da casa do Paço de Roussas. Era de gente valente e destemida, que se fazia respeitar por aquelas redondezas.

Viveram os abades em demandas contínuas com os de Fiães, durante séculos. Datam de 1340, os primeiros atritos. Em 1349, os de Roussas, quebraram os marcos que dividiam o couto, pelo que tiveram de responder.

Em 1344, com o abade à frente, e armados, foram de noite às terras do convento, e desmolharam as messes de um João Soutello, esbulhando os monges dos seus dízimos.

Condenado o abade Antonio de Castro, não houve quem tivesse coragem de ir-lhe publicar a sentença, por ser pessoa fidalga e poderosa, e morar em lugar ermo – onde se podia fazer mau recado.

Tomou a si, o procurador do convento fazer a citação. Acompanhado do escrivão, meirinhos e mais pessoas, foi a casa do abade, o qual se negou, apesar de estar nela, como o confessou seu filho – um rapaz de dezoito anos, que encontraram a um tiro de besta da pousada.

Prosseguiram as diligências, sem resultado. Então, o de Fiães, obteve do vigário geral de Braga, licença para se dizer missa na igreja do réu, e, em domingo de Ramos, notificou o filho do abade Castro, e o povo que a enchia e era do lugar.

Em 1693, um neto deste abade, Capitão Mór, de acordo com o governador das armas de Melgaço, mandou os soldados praticar desmandos nas terras do couto. Queixaram-se os frades do ódio herdado que esta família alimentava, com prejuízo do sossego e tranquilidade do mosteiro – e nesta vida levaram, os sucessores de uns e de outros, até 1807, em que Francisco de Sá Sotto Maior fez novas demarcações nas terras da freguesia de Roussas, de que era abade, terminando os processos.

Os Senhores do Paço de Roussas, de apelido Besteiros – de antiga família nobre, foram atingidos pela pobreza. As suas armas eram em campo azul, uma uma torre fumada em penhas azuis, e três bestas de ouro, uma por cima e as outras aos lados. O solar passou aos Castros, e o padroado, a Manoel Pereira, – o Mil Homens.



Prosseguimos, lentamente, por terras incultas. Apesar de abundantes em águas, só ao longe descobri raras plantações de milho ou de centeio.

No terreno acidentado há montes a prumo, como ameaça tenebrosa à população do lugar. Já há anos, uma dessas molhes imensas desabou lá de cima, e veio como um cataclismo medonho, destruindo na sua passagem horrorosa, casas, árvores e plantações, na direcção de uma capela da encosta.

No momento em que todos esperavam vê-la arrasada, aquela separou-se em duas que precipitaram-se pelos lados da ermida, deixando-a intacta. Foram muitas as mortes, do que ficou sentida recordação que ainda perdura, apesar do facto ter-se passado há cerca de trinta anos.

Têm-se repetido estas deslocamentos, deixando sempre dolorosa reminiscência. Tivemos que retardar o andamento, para abrir caminho por entre rebanhos de grandes e lanuzdos carneiros, de cor tereira, que pastavam, ocupando enorme área que atravessamos. Há tempos, andou por aqui uma fera vinda das povoações galegas, a qual devastou a freguesia. Encontravam-se restos humanos devorados, e o povo vivia aterrado, saindo unicamente de companhia e bem armado. Fizeram-se várias batidas infrutíferas. Começou então o pânico de atribuir à arte do demónio e à feitiçaria, esses factos. Em vista do que reuniram-se os moradores dos arredores, e, depois de bem preparados, fizeram uma grande montaria em todos os sentidos, encontrando apenas uma criança maltratada pela fera, que as vacas, que aquela guardava, providencialmente salvaram, investindo contra o feroz animal e pondo-o em fuga.

Nunca mais dele houve indício ou notícia. Chamou-me à atenção, no meio da serra, – em lugar alcantilado, – uma abertura de mais de metro e meio com porta de ferro.

– Que era aquilo ?

Um velho morador que passava, parou e disse, solenemente:

– Ali, estão escondidos os tesouros dos frades. Quem lá vai, lá fica. Foi a justiça quem mandou pôr o tapamento.

Andava ali tudo maluco com as riquezas e agora acabou-se.

Oh! Os informadores obsequiosos, são terríveis em toda a parte...".

(Extrato retirado de: OLIVEIRA, Guilherme (1903) - Uma visita às ruínas do Real Mosteiro de Fiães. Livraria Ferreira, Lisboa.)

Valter Alves

Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra"

GAZETILHA

Tricas & Dicas

Espelho meu, o que vês tu?

Que a intriga e maledicência continuam a fazer das suas!...

Quem é o melhor aluno?!...

Tempos houve em que quem passava com distinção via seu esforço reconhecido!...

Espelho meu, o que vês tu?

Que a mentira e a lei do menor esforço encontra terreno fértil!...

Quem é o melhor Professor?!...

Devia ser aquele que obedece ao seu mandato de vocação!...

Espelho meu, o que vês tu?

Que a inveja e a soberba tenta destruir os simples e os justos!...

Quem é o maior patriota?

O herói que veste a bandeira, respira honra e cumpre o hino!...

Espelho meu, o que vês tu?

Um desfile de vaidades que não olha a meios para alcançar fins!...

Quem é o maior profissional?

Campeões são todos aqueles que defendem a camisola e aquilo em que acreditam pondo o seu ser e saber em prol do bem comum!...

Espelho meu, o que vês tu?

Sinceramente, vejo que anda tudo baralhado e cansado!...

Vejo que todos ralham e muitos têm razão!...

Que a palavra não tem o valor que lhe é devido e a escrita pode esconder outros interesses que não os que saltam à vista!...

A maioria pede e clama que olhe para o que dizem e não para o que fazem!...

Continua a haver uma "caça às bruxas" e os pontos nevrálgicos impingidos situam-se (à descarada) nos mesmos pontos vitais!...

Quem é quem?!...

Do picoto colhe-se a beleza de que todos somos iguais e merecemos as mesmas oportunidades!...

Do púlpito ouve-se que se houver respeito e amor pelo próximo todos terão seu quinhão de felicidade!...

Das bancadas políticas parece que se espera que o povo emprenhe pelos ouvidos e que se crie um circo de nuances que em nada beneficia o tempo presente do seu País!...

Do terreiro constata-se o que é óbvio e que há quem pregue para o deserto!...

A Família é um Bem primordial que compete proteger e preservar!...

Espelho meu, quem és tu?

"As armas e os Barões assinalados que da Ocidental praia Lusitana por mares nunca de antes navegados passaram ainda além da Taprobana"!...

Quem és tu?!...

"Duarte de Almeida, o Decepado"

Álvaro Carvalho

Agência Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA, COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS, BEM COMO DESLOCAÇÃO NOS CASOS DE CREMAÇÃO

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237

A Caminho da Terra Santa – XXIV

Descobrimo o 5º Evangelho – 15 a 25 de Setembro de 1968

Em Telavive



Entardecer em Telavive



Telavive, hoje



Igreja da Dormição



Cidade Velha de Jerusalém

O hotel de Telavive, onde nos hospedamos, foi uma sala de convívio íntimo no dia 23.

Porque era o dia de Ano Novo dos Judeus, estava tudo fechado, e o dia era livre, por “habilidade” do Guia e do condutor do autocarro, que desejava gozar o feriado nacional em Haifa com a família.

O hotel, não sendo moderno, tinha condições admiráveis para um dia de descanso, apesar de a piscina estar encerrada, e o sol ser escaldante.

Alguns vão à praia, e quase todos aproveitam o dia para descansar.

Os dias vividos na Terra Santa e em Israel foram intensos, e, por isso, justificaram o aproveitamento do dia 23 para repouso, ainda que todos desejassem ocupar-se de outra maneira.

Os quartos do hotel estavam dispersos pelo parque frondoso, e todos com quarto de banho e ar condicionado.

Junto da piscina, árvores copadas, envolviam-nos em frescura relativa, a contrastar com raparigas e rapazes que aproveitam os raios solares sobre a relva.

Alguns levantam-se para o almoço, outros, como o prior de Sesimbra, foram ver como era o serviço religioso na sinagoga do hotel, instalada junto da piscina.

Evidentemente que nem o rabino excluiu os “estranhos” nem estes se conduziram menos bem.

O respeito mútuo, e a compreensão resolvem os problemas melhor do que a mais sapientíssima dissertação.

À hora do almoço, notamos um caso agradável, e que desejávamos fosse mais frequente lá e cá.

O criado que nos veio atender, verificou que falávamos francês e não inglês, já que esta é a língua mais corrente em Israel.

Logo se afastou para colocar a serviço da mesa um colega que falava francês.

De tarde, até porque no dia imediato nos tínhamos de levantar às 4 e 30 para tomarmos o avião, alguns retomaram o descanso da manhã.

Mas a meio da tarde já todos fazíamos roda em torno das mesas dispersas na relva do parque para conversarmos.

* * *

Aproveitei este último dia em Israel para relembrar o que vira, e tirar as minhas conclusões.

Afinal a viagem aos Lugares Santos descobrira-me esses lugares benditos, de que tantas vezes falara e ouvira falar, e de futuro nomes como Nazaré, Tiberíades, Cafarnaum, Betânia, Getsémani

estarão vivos em mim através das suas imagens.

O Evangelho será mais rico.

As imagens do Lago de Tiberíades convidar-nos-ão, sempre, à vida simples e profunda, e o Calvário e o Santo Sepulcro falar-nos-ão, em linguagem mais expressiva, da morte e da vida...

Todos os Lugares Santos terão para os que os viram uma lembrança mais terna e mais íntima.

Não encontramos, apenas, Lugares. Encontramos homens com religião e sem religião, que aceitam a Cristo e desfiguram a Cristo, que dissertam sobre o que têm presente e não vivem o que dizem...

Vimos os árabes que se mostraram mais intransigentes com os cristãos do que os Judeus; vimos aqueles que faziam negócio à sombra do templo, e que ainda não foram totalmente escorraçados.

Vimos ministros cristãos-católicos, ortodoxos e coptas – e louvamos o Senhor por aqueles sacerdotes católicos – todos Franciscanos com excepção dos da igreja da Dormição, que são beneditinos alemães – que revelam bem a face do Senhor na singeleza do seu viver, na simplicidade das suas atitudes, na isenção da sua vida até económica.

Vimos – contraste festivo e animador – os árabes cristãos da ci-

dade velha de Jerusalém diferentes no vestir, na higiene, no arranjo e qualidade dos seus comércios, no todo da sua vida dos irmãos de raça.

Vimos o pedinte – criança, sobretudo – que assaltava como um profissional o transeunte.

Vimos a imagem da pobreza dos árabes da Jordânia naqueles árabes de Jerusalém que não queriam trabalhar!

Vimos ainda a mulher árabe que permanece manifestamente em posição inferior em contraste com a rapariga Judia tão sadia que perde alguma coisa da sua feminilidade, mas que emparceira, como polfícia ou soldado, ao lado dos irmãos de raça, sentinelas vigilantes da Pátria.

Olhamos a Terra Santa e notamos que ela é hoje um corredor das religiões.

O cristianismo da Palestina, cercado pelo Islão, menos ao norte, onde no Líbano surge lâmpada cristã, é pouco vivo.

Nesta viagem aos Lugares Santos, vimos a Deus, o Deus da nossa fé que se nos revela em Jesus Cristo.

Esta viagem aos Lugares Santos, tornou Jesus mais próximo do crente através da linguagem desses lugares, e, sobretudo, da maneira de ler o Evangelho e da oração.

Cristo está um pouco menos distante, e o Seu Evangelho é menos abstrato, Cristo tornou-se mais real para o crente que visitou os Lugares da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

* * *

Ao cair da tarde do dia 23, pessoa amiga convida-me a admirar a beleza do poente no entardecer do dia. Era de sonho.

Notei, porém, e logo entre os companheiros de viagem que havia luz em todos, diferente da daquele poente maravilhoso: era, já, a recordação viva de uns dias admiráveis passados em contacto com a natureza e a graça, em terras de Ásia, que o avião nos tornara irreal tal a rapidez com que nos levou da Europa à Ásia e nos trazia no dia seguinte de Telavive a Portugal.

É uma característica das viagens em grupo feitas de avião: não nos apercebemos quase de que estamos em continente diferente.

Se tivéssemos feito a viagem como na ida, directamente, embora via Zurique, poderíamos dormir nas nossas casas, tendo saído de Telavive no mesmo dia.

Esta é uma das grandes vantagens do avião: economia de tempo.

30 de Outubro de 1968
in “Diário do Minho”